

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

CARINE LUANA DO AMARAL

**O JORNALISMO ESPORTIVO E A MULHER: UMA ANÁLISE SOBRE A
PRESENÇA DE NARRADORAS E COMENTARISTAS NA TELEVISÃO
BRASILEIRA**

CAXIAS DO SUL

2020

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

CARINE LUANA DO AMARAL

**O JORNALISMO ESPORTIVO E A MULHER: UMA ANÁLISE SOBRE A
PRESENÇA DE NARRADORAS E COMENTARISTAS NA TELEVISÃO
BRASILEIRA**

Monografia de Conclusão do Curso de
Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul,
apresentada como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel.

Orientadora: Prof.^a. Me. Marliva Vanti
Gonçalves

CAXIAS DO SUL

2020

CARINE LUANA DO AMARAL

**O JORNALISMO ESPORTIVO E A MULHER: UMA ANÁLISE SOBRE A
PRESENÇA DE NARRADORAS E COMENTARISTAS NA TELEVISÃO
BRASILEIRA**

Monografia de Conclusão do Curso de
Jornalismo da Universidade de Caxias do Sul,
apresentada como requisito parcial para a
obtenção do título de Bacharel.

Aprovado em: __/__/__

Banca Examinadora

Prof.^a Ma. Marliva Vanti Gonçalves
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Dr.^a Alessandra Rech
Universidade de Caxias do Sul – UCS

Prof. Me. Jacob Raul Hoffmann
Universidade de Caxias do Sul - UCS

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus por ter me guiado, e ter colocado pessoas em meu caminho que me ajudaram a chegar até aqui. Agradeço à minha família. E também agradeço, especialmente, ao meu esposo Mateus Wagner, pela paciência e por ser o meu maior incentivador desde o início da graduação.

Agradeço imensamente à minha orientadora, Marliva Vanti Gonçalves, pela dedicação e disponibilidade de sempre. A todos que de alguma forma ou outra, me inspiraram, me ajudaram a nunca desistir e fizeram parte da minha formação, muito obrigada!

“Aqueles que se sentem satisfeitos sentam-se e nada fazem. Os insatisfeitos são os únicos benfeitores do mundo”.

(Walter S. Landor)

RESUMO

O tema dessa monografia leva em conta a presença de narradoras e comentaristas na televisão brasileira. O trabalho de pesquisa gira em torno da problematização levantada através da questão norteadora: Como se configura o espaço para as mulheres narradoras e comentaristas esportivas na televisão? O objetivo geral consiste em entender os processos de inserção da mulher no jornalismo esportivo televisual e identificar o trabalho feito por elas, atualmente, como narradoras e comentaristas. Para a produção da metodologia foi escolhido o caráter de pesquisa qualitativa. O procedimento metodológico de pesquisa bibliográfica privilegiou temas como a história da televisão brasileira, jornalismo esportivo, a mulher no jornalismo esportivo, o Movimento Feminista, entre outros. O método de Análise de Conteúdo segundo Laurence Bardin (2010) levou em conta o estudo de dois recortes de cada personalidade de estudo: Ana Thais Matos, Clara Albuquerque e Isabelly Moraes. O método de Análise de Discurso auxiliou a entender o texto audiovisual para além do que é falado e mostrado à primeira vista. Esses estudos possibilitaram compreender melhor como essas jornalistas falam sobre futebol, área que ainda é dominada por homens. Através desta pesquisa identifica-se que mesmo que de forma lenta e apesar do preconceito, as mulheres estão conquistando os seus espaços em todas as áreas, inclusive no jornalismo esportivo. Mas ainda há um longo caminho a ser percorrido.

Palavra-chave: Televisão. Jornalismo. Feminismo. Jornalismo Esportivo.

LISTA DE FOTOGRAMA

Fotograma 1 – André Rizek, Ana Thaís Matos, Luís Roberto e Juninho Pernambucano.....	46
Fotograma 2 – André Rizek e Ana Thaís Matos	47
Fotograma 3 – Clara Albuquerque	49
Fotograma 4 – Clara Albuquerque	51
Fotograma 5 – Rússia X Arábia Saudita (Copa do Mundo FIFA 2018)	52
Fotograma 6 – Santos X São Paulo (Quartas de final do Campeonato Brasileiro de Futebol Feminino)	54

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. TELEVISÃO	20
2.1. HISTÓRIA DA TELEVISÃO BRASILEIRA.....	20
2.1.1 Gêneros e formatos da televisão	25
2.1.2 Hibridismo, Infotenimento e Espetáculo televisual.....	26
3. JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL	29
3.1 JORNALISMO EM SUA ESSÊNCIA.....	29
3.2 HISTÓRIA E PERSPECTIVAS DO JORNALISMO ESPORTIVO	31
4. A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO	37
4.1 O MOVIMENTO FEMINISTA	37
4.2 A MULHER, O ESPORTE E OS PROGRAMAS DE TELEVISÃO	40
4.3 TRAJETÓRIA DAS PROFISSIONAIS DE JORNALISMO NO ESPORTE.....	42
4.3.1 Ana Thaís Matos.....	42
4.3.2 Clara Albuquerque.....	42
4.3.3 Isabelly Moraes.....	43
5. METODOLOGIA	44
5.1 DECUPAGEM: AS FALAS E A <i>PERFORMANCE</i> DAS JORNALISTAS ESPORTIVAS.....	45
5.1.1 Recortes da comentarista Ana Thaís Matos.....	45
5.1.2 Recortes da comentarista Clara Albuquerque.....	49
5.1.3 Recortes da narradora Isabelly Moraes.....	52

5.2 ANÁLISE	55
5.2.1 Análise dos recortes da comentarista Ana Thaís Matos	56
5.2.2 Análise dos recortes da comentarista Clara Albuquerque.....	58
5.2.3 Análise dos recortes da narradora Isabelly Moraes	59
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	61
REFERÊNCIAS	65
ANEXO A – PROJETO – MONOGRAFIA I	69

1. INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema o Jornalismo Esportivo e a Mulher, por meio da análise sobre a presença de narradoras e comentaristas na televisão brasileira. Dessa forma, com a questão norteadora, procura-se observar como se configura o espaço para as mulheres narradoras e comentaristas esportivas na televisão.

A escolha do tema justifica-se também pelo aumento da participação feminina nos programas esportivos televisuais, principalmente nos comentários e narrações de jogos. À vista disso, este trabalho tem como objetivo geral, analisar a inclusão da mulher nessas funções e a relevância de sua participação dentro destes editoriais. Pode-se analisar os obstáculos que as mulheres enfrentam por gostarem e entenderem de esportes, especialmente o futebol, tornando as condições sociais referentes às questões de gênero, um desafio para o público feminino que pretende trabalhar nessa área. Por muito tempo as mulheres lutaram para conquistar seus direitos e seu espaço. Desta forma, para melhor compreensão deste tema, é preciso conhecer a história da mulher no esporte, principalmente no meio televisivo, e entender a importância da televisão no Brasil.

No Brasil, a televisão chegou em 1950 e sua programação era baseada no que os outros veículos de comunicação já produziam, principalmente, o rádio. Somente em 1960 é que a televisão se consolidou no país, como um meio de comunicação para grandes massas. O que no início era considerado objeto de luxo, logo foi ganhando cada vez mais espaço nas residências das famílias brasileiras. Muitos foram os fatores que contribuíram para que a televisão se tornasse um dos veículos mais populares do país. Para Marcondes Filho (1994), a linguagem da televisão tem como características a rapidez, a fluidez, a agilidade e o ritmo acelerado.

A televisão exige que seja exibido o maior número de informações no menor período de tempo. Por isso, até hoje, diz-se que cada segundo na televisão é valioso. “A televisão é um meio que tem pressa. Tem pressa porque o componente mais importante em toda sua estrutura de produção é o tempo” (MARCONDES FILHO, 1994, p. 23). Atualmente, os telespectadores não dependem mais da grade de horários oferecidos pela TV, pois podem assistir, inclusive os telejornais, através da internet no tempo desejado. Porém, a TV aberta continua a pautar-se por esse critério.

Para melhor organizar a programação, as emissoras sentiram a necessidade de separar os programas por categorias, gêneros e formatos. Através de uma

pesquisa da Abepec (Associação Brasileira das Emissoras Públicas, Educativas e Culturais) e definidas por Marques de Melo (apud Souza, 2004), são três as categorias que abrangem a maioria dos programas: entretenimento, informativo e educativo. Souza (2004) considera as três categorias citadas acima e ainda acrescenta outras duas: publicidade e outros. Para Kaminsky (apud SOUZA, 2004) a categoria e o gênero devem fazer parte da mesma análise. O autor define a palavra gênero como 'ordem'. Com base nisso, Souza (2004) coloca o programa esportivo na categoria de entretenimento.

Para o autor, o formato de um programa pode apresentar-se de maneira combinada, a fim de reunir elementos de vários gêneros e, assim, possibilitar o surgimento de outros programas. Entende-se então que 'formato' está sempre associado a um 'gênero', assim como 'gênero' está diretamente ligado a uma 'categoria'. Com uma grande variedade de programas, a televisão deixou de transmitir apenas fatos e deu lugar ao ficcional. Sendo assim, a TV alcançou todos os públicos.

Com a necessidade de definir melhor os programas de entretenimento, informação e suas interfaces, em 1980 foi criado o termo infotenimento. Este neologismo é definido por Dejavite (2006, p.71), como "sinônimo daquele jornalismo que traz informação, prestação de serviço e ao mesmo tempo oferece divertimento ao receptor". O conceito só ganhou força quando passou a ser empregado por profissionais e acadêmicos da área da Comunicação, a partir de 1990. A autora diz que a mídia pode informar entretendo ou entreter informando.

Vários programas passaram a ser caracterizados como infotenimento. Um exemplo são os programas de esportes, definidos assim por mostrar os jogos e competições que entretêm o público e informam sobre os mesmos. Segundo Coelho (2004), quando o jornalismo esportivo surgiu no Brasil no início do século XX, gerou muitas dúvidas e preconceitos. Para o autor, o jornalismo esportivo passou muitos anos enfrentando as incertezas de um dia ter um espaço só seu nos jornais. Com o preconceito que existia, não se acreditava que a editoria de esporte poderia estampar uma capa.

O jornalismo esportivo iniciou na televisão em 1953, na TV Record, com a transmissão de uma "Mesa Redonda". Foi apresentada por Geraldo José de Almeida e Raul Tabajara, que transmitiam, ao vivo, partidas de futebol e informações do esporte. Esse tipo de programa já era um modelo utilizado nas rádios e foi adaptado para a televisão. Após quatro anos, transmitiu-se a primeira Copa do Mundo pela TV.

De acordo com Pereira (1980), o esporte é usado principalmente para obter a audiência da população, que busca uma forma de se distrair e até esquecer os problemas cotidianos.

De 1978 a 1997 ocorreu em todas as redes um crescimento quantitativo de oferta de programas esportivos, tanto de informações esportivas como de transmissões de eventos. Essa oferta passou a 12,83% da programação, quando 20 anos antes, era de 5%. (Caparelli, 2004 p.157).

Estes dados mostram o quanto o jornalismo esportivo ganhou importância dentro da televisão brasileira.

Visto que a área estava apresentando rendimento, as emissoras começaram a disputar a audiência dos programas esportivos. “E o esforço da TV para concentrar a atenção dos telespectadores no esporte vendeu muito bem em termos de audiência” (Ibidem, p.157). Com o público crescendo, o jornalismo precisou investir no aprimoramento dos profissionais da área.

Para Coelho (2004), o jornalista, ao escolher trabalhar com o jornalismo esportivo, opta por uma carreira instável, de difícil obtenção de conhecimento e que não proporciona bons salários. O profissional da área precisa estar atualizado com o que o mercado solicita. Mesmo assim, os jornalistas esportivos que têm a oportunidade de trabalhar com o futebol têm mais vantagens em relação aos que trabalham com outros esportes.

Juntamente com a propagação do jornalismo esportivo, o público feminino aumentou e as mulheres se inseriram no mercado esportivo. Uma pesquisa divulgada pela Federação Nacional dos Jornalistas (apud Bergamo, 2013) aponta que as mulheres jornalistas apresentam-se como a maioria nas redações, com 64%. Porém, nas editorias de esportes, seguem como minoria.

Um dos motivos pelo qual as jornalistas podem deixar de lado o esporte e optar por outras áreas do jornalismo é o preconceito. Segundo Muzart (2003), com a participação feminina na imprensa, os homens tiveram que dividir espaço com as mulheres. Não havia distinção entre classes sociais, mas a divisão de tarefas dentro do jornalismo dependia da editoria em que iria se escrever. Kunczik (2002, apud RIGUI, 2006, p.27) diz que as mulheres costumavam cobrir assuntos apenas ligados “ao seu universo”, como família, educação e filhos, enquanto aos homens sobravam os demais editoriais, como esporte, economia e política. A área esportiva e, em

especial, quando a referência é o futebol, ainda pode ser considerada de âmbito masculino.

O profissional que demonstra conhecimento dos fatos tem que ser respeitado e reconhecido. Como já se percebe, desde o início da inserção da mulher no jornalismo esportivo, nem sempre é o que acontece quando há uma mulher falando de esportes, principalmente futebol. Mas foi nas décadas de 1960 e 1970 que o movimento feminista levou a mudanças satisfatórias em relação ao reconhecimento da mulher no mercado de trabalho. Porém, para compreender melhor esta intervenção é preciso conhecer a história da mulher relacionada ao esporte.

Em 1896, na Grécia Antiga, nos Jogos Olímpicos, só os homens competiam e as mulheres não podiam nem assistir aos jogos. Segundo Welch e Costa (1994 apud KNIJNIK, 2003), a crença era que as mulheres perderiam seu charme ao se engajarem em atividades extenuantes. Elas foram se impondo gradativamente até chegar à situação atual, onde conquistaram seu espaço nas atividades esportivas e também, como profissionais na área de jornalismo esportivo.

Knijnik (2003) cita que, além da “mulher esportiva” da época, elas poderiam ser também treinadoras, dirigentes, árbitras, repórteres e apresentadoras de programas esportivos. O público feminino ocupa cada vez mais espaços na sociedade, dentre eles aqueles considerados de “âmbito masculino”. Segundo Coelho (2004), à época em que escreveu seu livro, as redações de esporte do país tinham 10% de mulheres. O autor diz também que o preconceito já foi bem maior no passado do que atualmente.

Mas é possível até que o índice feminino na redação reflita o interesse da população. Se em um estádio de futebol, autódromo ou ginásio há mais homens do que mulheres é normal que haja também índice diferente de homens e mulheres na redação (COELHO, 2004, p.34).

A explicação do autor é cabível na medida em que reflete o que acontece em toda a sociedade, onde a presença e a valorização da mulher ainda necessitam ser justificadas.

A identificação desta estudante com o tema surgiu por meio do “amor pela prática de esportes”, pois cresceu ouvindo que jogar futsal/futebol era “coisa de menino”. Falar de esporte também não era considerado “normal” para uma menina. No Ensino Fundamental e durante o Ensino Médio, eram poucas as meninas que gostavam de praticar esportes e disputar campeonatos escolares. Com a falta do

público feminino, principalmente no futebol, era preciso juntar-se com os meninos para poder jogar.

Até então, a pesquisadora não percebia o preconceito que rodeava as mulheres em relação aos esportes. Nos campeonatos, o público que olhava de fora da quadra era dividido entre aqueles que se espantavam por ver “gurias” que jogavam futsal e as admiravam e aqueles que ficavam só observando os erros para dizer que não serviam para isso. Hoje, de fora das quadras, é mais fácil analisar o preconceito que ainda ronda as mulheres quando se trata desse assunto.

Assim como nas quadras, a estudante do Curso de Jornalismo percebeu que a participação da mulher nos programas esportivos é limitada. Na maioria das vezes, são os homens a serem “escalados” como narradores e comentaristas dos jogos da rodada. Sobra pouco espaço para a presença feminina nessas funções. Isso chama a atenção sobre a função da mulher jornalista nos programas esportivos, principalmente nos televisivos.

Coelho (2004) diz que ao se deparar com uma mulher que entende de futebol, gera-se uma situação curiosa, pois, algumas vezes, é possível perceber que o nível de conhecimento dela acerca do tema é maior do que o dos homens, principalmente quando elas demonstram domínio sobre o assunto. Talvez isso aconteça pelo fato de que uma grande parcela dos homens ainda não aceita que as mulheres saibam mais que eles em assuntos considerados do “mundo masculino”. E isso pode fazer com que as mulheres estejam mais atentas e queiram compreender esta área para serem menos criticadas.

Porém, infelizmente, são diversos os lugares em que as mulheres trabalhadoras ainda sofrem preconceito e um deles continua sendo a área de esportes. Como futura jornalista e mulher, esta estudante quer mostrar, através desta pesquisa, a luta das mulheres para serem valorizadas neste espaço que ainda é considerado masculino. Com o movimento feminista, as mulheres foram conquistando os seus direitos, mas para que eles se estabeleçam frequentemente no cotidiano é preciso continuar lutando todos os dias. Uma forma de quebrar tabus é falando sobre eles.

O mais importante na análise dos programas a serem estudados é a trajetória das mulheres jornalistas pelo mundo dos esportes. E mostrar as características demonstradas pelas jornalistas que exercem as funções de comentaristas e narradoras. Ao assistir um programa esportivo na TV percebe-se a inserção da mulher

no jornalismo esportivo, mas ainda em menor quantidade se comparada aos homens. Na maioria dos programas televisivos existe uma divisão de assuntos para a cobertura feminina e masculina.

Mas, os programas televisivos são uma evolução se comparados aos programas esportivos de rádio, pois é raro ouvir mulheres em mesas redondas em programas de rádio, ou apenas comandando um programa esportivo neste meio de comunicação.

Para melhor desenvolvimento desta pesquisa é importante citar as seguintes hipóteses e objetivos a serem alcançados para prová-las ou refutá-las.

HA. As mulheres estão ocupando cada vez mais o seu espaço no jornalismo esportivo de televisão, destacando-se como narradoras e comentaristas, funções antes consideradas apenas como masculinas;

HB. As causas feministas auxiliam as mulheres a conquistar seus espaços, e na área do jornalismo esportivo também apresentam consequências positivas;

HC. As mulheres ainda sofrem com o preconceito de gênero e, por consequência, com a desvalorização do seu trabalho dentro do jornalismo esportivo;

HD. A área do jornalismo esportivo de televisão ainda é, na sua grande maioria, dominada por homens, sobrando pouco espaço para as mulheres atuarem. Quando atuam, seu papel é secundário;

HE. No jornalismo esportivo televisivo, a mulher não tem o mesmo espaço para comentar os jogos, se comparado ao de seus colegas homens.

Para ir em busca da resposta para as hipóteses, serão utilizados os objetivos abaixo, tendo como o principal: entender os processos de inserção da mulher no jornalismo esportivo televisivo e identificar o trabalho feito por elas, atualmente, como narradoras e comentaristas. Como objetivos específicos:

a) Conhecer a história da televisão no Brasil para entender como surgiu o jornalismo esportivo televisivo.

(Este objetivo está relacionado à primeira hipótese).

b) Analisar a história da inserção da mulher no jornalismo esportivo de televisão.

(Este objetivo está relacionado às hipóteses A, B, C, D e E).

c) Compreender a importância do papel da mulher dentro do jornalismo esportivo e em especial, na narração e comentários de jogos.

(Este objetivo está relacionado à primeira hipótese).

d) Conhecer a história e as conquistas do movimento feminista.

(Este objetivo está relacionado à segunda hipótese).

e) Compreender a importância histórica e cultural da abertura de espaços para as mulheres, dentro do jornalismo esportivo de modo geral e na televisão, em especial.

(Este objetivo está relacionado às hipóteses A e E).

f) Conhecer a história do jornalismo esportivo na televisão brasileira.

(Este objetivo está relacionado às hipóteses C e D).

g) Compreender a questão do preconceito quanto ao conhecimento das mulheres em relação ao futebol.

(Este objetivo está relacionado à terceira hipótese).

h) Observar se a participação dos comentaristas de diferentes sexos acontece de forma igualitária.

(Este objetivo está relacionado à quarta hipótese).

i) Observar se a participação dos comentaristas de diferentes sexos acontece de forma igualitária, mais especificamente em relação ao fator tempo de fala.

(Este objetivo está relacionado à quinta hipótese).

Esta monografia é dividida em sete capítulos, de forma a ser desenvolvida de maneira organizada. Após o capítulo um, que consiste nesta introdução, foi abordada a história da Televisão (Capítulo 2), desde o seu surgimento no Brasil. O Capítulo 2 ainda apresenta as categorias, os gêneros e os formatos televisivos e conceitua hibridismo, Infotainment e espetáculo televisual.

A história e as perspectivas do jornalismo esportivo são abordadas no Capítulo 3. Um dos principais autores desse capítulo é Paulo Vinícius Coelho. Em seu livro *Jornalismo Esportivo* (2004), o autor conta a história do jornalismo esportivo no Brasil e sua evolução. Através desta obra, compreende-se o preconceito quando do surgimento de algo novo, e a carreira difícil de quem desejava iniciar na área, seja como atleta ou jornalista. Coelho (2004) explica como o jornalismo esportivo se adaptou a todos os veículos de comunicação. Também cita a presença da mulher nesta área, que é considerada “do mundo masculino”.

No Capítulo 4, a temática gira em torno da mulher. Entender a cultura e o movimento feminista se faz necessário para abordar a questão da mulher no jornalismo esportivo. A partir disso, compreendem-se os avanços que as mulheres tiveram em relação aos seus direitos; entre eles, votar e trabalhar fora de casa. A

Constituição de 1988¹, através da formalização e consolidação da equidade de gênero, dispôs que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”, mas apesar da existência da lei, há muitas lutas a serem enfrentadas pelo público feminino na atualidade, dentro e fora da mídia. Tratam-se de temáticas essenciais para que seja esclarecido o motivo pelo qual o movimento feminista é de extrema importância para as conquistas das mulheres durante tantos anos. O capítulo também apresenta a mulher no esporte e nos programas de televisão.

O Capítulo 5 é responsável pela apresentação da trajetória das três profissionais de jornalismo no esporte, que se constituem em objetos/ personalidades de estudo: Ana Thaís Matos, Clara Albuquerque e Isabelly Moraes. O intuito é compreender como se configura o espaço para essas mulheres nos programas esportivos televisuais.

A metodologia de pesquisa desta monografia se encontra no Capítulo 6, onde constam todos os métodos e técnicas utilizados. Além disso, é preciso entender que este trabalho monográfico se pauta pela Pesquisa Qualitativa e utiliza como procedimento metodológico a pesquisa bibliográfica.

Conforme Marconi e Lakatos (2008, p.269), “a metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano”. Segundo Bardin (2011), para analisar, compreender e interpretar um material qualitativo, faz-se necessário superar a tendência ingênua a acreditar que a interpretação dos dados será mostrada espontaneamente ao pesquisador, ou seja, é preciso penetrar nos significados que os atores sociais compartilham na vivência de sua realidade.

A pesquisa bibliográfica está presente em todas as fases do processo. Por meio dela, constituída principalmente de livros e artigos disponibilizados na internet, se obtém base científica para o desenvolvimento deste estudo.

É o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões (STUMPF, 2014, p.51).

¹ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm Acesso: 25 agosto 2020.

As referências utilizadas servem para expandir e embasar os principais temas e conceitos discutidos, como a história da televisão brasileira, o jornalismo esportivo, além da evolução da mulher nos programas esportivos televisuais.

Para melhor definir o método de análise desta pesquisa foi utilizada a obra *Análise de Conteúdo*, de Laurence Bardin (2011). Esse método, proposto pela autora, é dividido em três principais fases: pré-análise, onde se dá a coleta do material; exploração do material e o tratamento dos resultados, ou seja, a inferência e a interpretação.

Segundo Rodrigues e Leoparti (1999), a *Análise de Conteúdo* surgiu para buscar conhecimento, explicação ou conceituação de conteúdos a princípio, “invisíveis”. A *Análise de Conteúdo* proposta por Laurence Bardin (2011, p.15), é o método mais adequado para a realização desta monografia, por se tratar de um “conjunto de instrumentos metodológicos [...] que se aplicam a discursos extremamente diversificados”.

A primeira fase é destinada “à escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 2004, p. 89). Para o estudo da monografia foram escolhidas três jornalistas esportivas: Ana Thaís Matos, Clara Albuquerque e Isabelly Moraes e três edições de cada um dos programas em que essas jornalistas atuaram como comentaristas ou narradoras. Neste caso, é feita a seleção das partes dos programas que melhor se adequam ao tema proposto.

A segunda fase é composta pela exploração do conteúdo adquirido na fase anterior. Sendo assim, é necessário fazer a decupagem dos programas a partir de categorias: a) decupando-se o tempo de fala do homem e da mulher durante a programação e o conteúdo dessas falas, a fim de observar o que foi proposto por esta monografia desde sua questão norteadora. b) A *performance* das jornalistas em frente às câmeras (gestos, olhares, expressões, etc.). Como os programas são televisivos, os enquadramentos e movimentos de câmera também são pontuados na decupagem.

Bardin (2004) define a terceira fase como o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação dos mesmos. É feita a análise do material pesquisado e coletado, para que se consiga chegar a melhores considerações. Bardin (2004) diz que tendo à disposição resultados significativos e fiéis, pode-se então propor as inferências, e adiantar interpretações a partir dos objetivos previstos.

Para melhor concluir os objetivos foi preciso fazer uma Análise de Discurso. O método, mais crítico e analítico, completará a Análise de Conteúdo, mais estrutural. Segundo Minayo (2004), é através do discurso que se revela a compreensão de determinada pessoa sobre o contexto histórico no qual ela está inserida. Para a autora, o discurso é construído por concepções ideológicas, requer que haja compreensão das relações sócias. Sendo assim, é possível esclarecer de forma mais apurada a questão da participação efetiva das narradoras e comentaristas de programas esportivos televisivos e inferir se esses resultados são reflexo de questões sociais e culturais mais amplas.

O capítulo 7 é destinado às considerações finais desta monografia. Através das respostas às hipóteses é possível também chegar-se à resposta da questão norteadora.

Com esta pesquisa, percebe-se que há uma escassez de referências bibliográficas quando o assunto se refere à área esportiva. Por exemplo, em livros de jornalismo esportivo, são poucas as páginas que falam sobre a mulher. Com isso, aumenta a importância de trazer o assunto para este trabalho, pois as mulheres precisam continuar lutando pelos seus direitos e pelo fim da discriminação de gênero.

2. TELEVISÃO

Para a realização do presente trabalho, torna-se necessário evidenciar a história deste que é um dos veículos de comunicação mais presente nos lares brasileiros: a televisão. Neste capítulo, apresentam-se alguns aspectos históricos da televisão no Brasil, a partir das fases descritas na obra *História da televisão brasileira*, de Sérgio Mattos (2010).

2.1 HISTÓRIA DA TELEVISÃO BRASILEIRA

A televisão começou a se expandir rapidamente após o final da Segunda Guerra Mundial, chegando ao Brasil em 1950, trazida por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello (Chatô), fundador da TV Tupi, primeiro canal de televisão no país. Chateaubriand (1892-1968) foi jornalista, empresário e político brasileiro. Era dono dos Diários Associados, a maior rede de comunicação do país, entre as décadas de 1930 e 1960.

Mattos (2010) aponta que Chateaubriand adquiriu aproximadamente 30 toneladas de equipamentos necessários para montar uma emissora de televisão, isso como resultado de uma parceria junto à empresa americana RCA Victor. Grandes nomes da comunicação ajudaram Chatô na implantação da televisão no país. Dermival Costa Lima foi nomeado coordenador do projeto. Os outros integrantes do pioneirismo foram Mário Alderigui, Cassiano Gabus Mendes e Georges Henry, maestro francês.

À fase de experimentação da TV, ao vivo, Marcondes Filho (1988, p.43) denominou de “rádio televisionado”. Os profissionais eram provenientes do rádio, do cinema e do teatro. Já Sérgio Mattos (2010 p.86) denomina de “Fase Elitista” a primeira fase da inserção da TV no Brasil que, segundo ele, ocorreu de 1950 até 1964, pois nessa época o aparelho de televisão era muito raro e poucas pessoas o possuíam.

O desenvolvimento da televisão, em seus primeiros anos, tanto em infraestrutura, quanto em linguagem, foi difícil. Para a inauguração da TV Tupi Rio, em 1951, por exemplo, Chateaubriand encontrou dificuldades. A emissora carioca foi provisoriamente instalada no local que abrangia a Rádio Tamoio. "Além da

precariedade das instalações, a nova emissora enfrentou problemas com relação à localização da antena. O grupo dos Diários Associados pretendia colocá-la no alto do Corcovado, junto à imagem do Cristo Redentor" (MATTOS, 2010, p. 89). O clero local refutou a ideia e a solução foi instalá-la no Pão de Açúcar.

Em relação à linguagem, as emissoras produziam programas culturais, visando a atenção de um público economicamente elitizado. Com a divulgação de uma pesquisa realizada pelo IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública), em que pouco menos da metade dos telespectadores já havia assistido pessoalmente a uma apresentação de ballet, e, portanto, não se identificavam com que era mostrado na TV, uma mudança significativa ocorreu. As programações abandonaram os programas culturais, visando maiores índices de audiência (VEJA, 1970, p. 63 apud MATTOS, 2010).

Acreditava-se que para conquistar e, conseqüentemente, manter a fidelização desse público não acostumado à valorização de apresentações culturais, como o ballet, por exemplo, a televisão deveria investir em novos conteúdos. A ideia era que as produções pudessem, assim, promover uma identificação com o público ainda não conquistado, em especial aquele de classes economicamente mais desprivilegiadas. Para isso, sem muita pesquisa a respeito, programas considerados mais populares substituíram aqueles considerados mais culturais e elitizados.

A chegada dos anos 1960 trouxe consigo a tecnologia do videoteipe. Paternostro (1999, p. 153) conceitua o videoteipe como "um aparelho eletrônico que grava o sinal de áudio e vídeo gerado por uma câmera. Acoplados, um ou mais videoteipes são usados para edição de matérias nas ilhas de edição". Ou seja, o VT permitiu que os programas pudessem ser gravados e exibidos em horários que melhor conviessem à emissora. Para Mattos (2010), a veiculação de um mesmo programa em vários dias da semana criou o hábito de assistir televisão rotineiramente, prendendo a atenção do telespectador. Foi nessa época que a televisão se consolidou no Brasil, como um meio de comunicação para grandes massas.

No período de 1964 até 1975 ocorreu a segunda fase da televisão, que é denominada por Mattos (1990, p.8) como "Populista", quando a televisão era considerada um exemplo de modernidade. Nesse período, o país iniciou a execução das obras de ampliação e modernização do sistema de telecomunicações, criando a infraestrutura que permitiu o surgimento e a expansão das redes de televisão, que

passaram a ter influência e abrangência nacional para a promoção e a venda de bens de consumo em larga escala.

Foi em 1972, ao final desse período, a primeira transmissão em cores. A Festa Nacional da Uva, de Caxias do Sul (RS), foi transmitida pela TV Difusora, de Porto Alegre. Nos anos de 1964 a 1985, ocorreu a ditadura militar no Brasil, quando os militares passaram a controlar e a censurar os meios de comunicação. Conforme Mattos (2010), a censura aos veículos de comunicação, principalmente na televisão, durante o Regime Militar, além de facilitar a manipulação da opinião pública, limitou o crescimento da produção do próprio veículo, castrou a criatividade e levou à autocensura, que passou a ser adotada pelas próprias emissoras que constituíram seus departamentos de autocensura e controle de qualidade.

A terceira fase, ainda de acordo com Mattos (2010, p.110), deu-se no período entre 1975 e 1985 e ficou conhecida como “Desenvolvimento Tecnológico”. A sua marca foi a perda gradual da hegemonia dos militares e o desenvolvimento da televisão brasileira, que começou a produzir seus próprios programas, substituindo os importados, mais ao gosto dos militares, segundo o autor. Além disso, a indústria brasileira passou a empregar seu próprio formato e tecnologia de produção, diminuindo drasticamente a influência que os norte-americanos exerciam sobre a produção televisiva.

Já a quarta fase abrangeu os anos de 1985 a 1990 e foi chamada por Mattos (2010 p. 123) de “Fase de Transição e da Exploração Internacional”. Esse período destacou-se pela transição política e pela Constituição de 1988, que proibiu a censura e determinou a aprovação das concessões para canais de televisão pelo Congresso Nacional. Além do aumento da competitividade entre as grandes redes de televisão, alcançando uma maior maturidade técnica e empresarial, num contínuo avanço em direção ao mercado internacional.

Mattos (2010, p. 131) ainda afirma que após estas quatro etapas deram-se início à “Fase da globalização e da TV paga”, que ocorreu entre os anos de 1990 e 2000. “[...] Na década de 1990 começou-se a estabelecer as bases para o surgimento estruturado da televisão por assinatura, via cabo ou via satélite, estruturada nos moldes americanos, e a se debater a televisão de alta definição”. (MATTOS, 2010, p. 131). Também foi nessa década que a interação do público com os programas de TV iniciou. O autor cita como exemplo dessa inovação, o programa *Você Decide*, da Rede Globo, que foi vendido para 11 países.

Nessa fase, houve a inserção de canais de TV por assinatura, contribuindo para o processo de globalização. Conforme Paternostro (2006, p. 35 e 36), “[...] o público tem a oferta de canais variados, nacionais e estrangeiros, programação segmentada e globalizada [...]”, no entanto, o valor da TV por assinatura não atraiu muitos consumidores no início da sua implantação.

Referente aos dados sobre o número de aparelhos televisores no Brasil nessa época de desenvolvimento da TV, Mattos (2010) ressalta que o pico foi atingido em 1996, quando havia cerca de 8,5 milhões de aparelhos no país, devido ao aquecimento do consumo. No ano seguinte, o número caiu para 6,5 milhões. Uma nova queda foi percebida em 1998, quando eram comercializados aproximadamente seis milhões de aparelhos televisores. Já o ano de 1999 foi marcado por uma queda de 25% nas vendas, o que correspondeu a 4,5 milhões de aparelhos. O motivo dessa queda foi o alto índice de inadimplência dos consumidores.

Com o avanço da televisão, o mundo inteiro passou a ser interligado, mas apenas com o surgimento da internet ocorreu esta integração de forma mais efetiva. Segundo o autor, em maio de 2000, o governo brasileiro inaugurou a primeira etapa da internet de alta velocidade no país, com capacidade para ser 77 vezes mais rápida que a atual, àquela época.

Conforme Mattos (2010), o período que compreende os anos de 2000 até 2010 evidencia a “Fase da Convergência e da Qualidade Digital”. Além disso, é a fase de crescimento do uso da internet. “A indústria especializada na produção de televisores começou o século anunciando a criação da Web TV, dotando-a de razoável inteligência” (MATTOS, 2010, p. 159).

Ainda de acordo com Mattos (2010), foi nessa fase que a convergência entre internet e televisão começou a se tornar realidade. A televisão passou a ser segmentada e a programação voltou-se para diferentes grupos da sociedade. Em 1999, o Brasil dava início ao processo de modernização da infraestrutura televisiva, no governo do então presidente Fernando Henrique Cardoso. Nesse ano, foram iniciados com maior profundidade os estudos e testes para a mudança do sistema analógico para o digital. Estimava-se, à época, que o processo de migração levaria de dez a 15 anos e movimentaria valores na faixa de R\$ 80 a 100 bilhões. Tais valores comportavam os investimentos das emissoras para adequarem sua infraestrutura para a reformulação dos sistemas de transmissão e a renovação dos televisores nos lares brasileiros.

Ainda conforme Mattos (2010), em 26 de novembro de 2003, o então presidente da República Luiz Inácio (Lula) da Silva assinou o decreto que definiu e estabeleceu as bases do Sistema Brasileiro de Televisão Digital (SBTVD). Três anos depois, em 9 de junho de 2006, foi definido que o padrão de televisão japonês seria o adotado no Brasil. Um novo decreto estabeleceu as diretrizes do processo de transição da TV analógica para digital. Apenas um ano depois, o padrão de TV digital foi implantado inicialmente em São Paulo. Até os dias atuais, o processo de implantação da TV Digital no Brasil ainda não terminou.

A televisão brasileira entra no século XXI na expectativa de uma grande mudança tecnológica que faz rever conceitos, paradigmas, parâmetros. A tecnologia digital reverte padrões e aprimora as transmissões. A TV brasileira, que em conteúdo chega se destacar em todo o mundo, vive lentamente o caminho da qualidade digital de sons e imagens. (PATERNOSTRO, 2006, p. 36).

A última fase do desenvolvimento da televisão, classificada por Mattos (2010) é a “Fase da Portabilidade, Mobilidade e Interatividade”, que inicia em 2010 e segue até os dias atuais. A convergência entre as mídias, nesta fase, torna-se cada vez mais intensa, devido aos grandes avanços tecnológicos e, principalmente, ao desenvolvimento da internet e da digitalização de conteúdo de áudio, vídeo e texto. Mattos (2010) ainda salienta que esse período é marcado pela convergência entre celular e televisão, afirmando que “(...) a convergência da TV digital com o mundo do celular passa pela evolução deste último” (MATTOS, 2010, p. 175).

A partir de 2010, com o desenvolvimento tecnológico, o cenário das comunicações sofreu uma significativa mudança estrutural, devido ao surgimento de um ambiente de convergência midiática. A convergência permitiu uma mudança na relação entre as redes de produtores e transmissores de conteúdo com os prestadores de serviço. Com a convergência digital, os telefones celulares passaram a ser usados não somente para transmissão e recepção de voz, como também para acessar a internet, verificar e-mails, assistir programas de televisão, ouvir emissoras de rádio, além de armazenar conteúdos e dados. Neste caso, o usuário assume o papel de receptor, transmissor e fonte de informações, rompendo alguns paradigmas da comunicação.

Nos dias atuais, os meios de comunicação tradicionais como rádio, jornal e televisão se mesclam, sob a proteção da “multimídia”; com o surgimento da interatividade da Web 2.0. É o que Jenkins (2008) denomina por convergência.

(...) o fluxo de conteúdo através de múltiplas plataformas de mídia, a cooperação entre múltiplas indústrias da mídia e o comportamento migratório das audiências da mídia que irão quase a qualquer lugar em busca das novas experiências de entretenimento que desejam. Convergência é uma palavra que consegue descrever mudanças tecnológicas, industriais, culturais e sociais, dependendo de quem está falando e do que se pensa estar falando (JENKINS, 2008, p. 2-3).

Para Jenkins (2008), criador do termo “cultura de convergência”, este não é um fenômeno fundamentalmente midiático ou tecnológico; é muito mais do que uma mudança cultural, na medida em que depende fortemente dos usuários e de seu desejo de estabelecer conexões entre conteúdos dispersos.

2.1.1 Categorias, gêneros e formatos da televisão

Com a evolução da linguagem televisual, as emissoras sentiram a necessidade de replanejar o horário dos seus programas, levando em conta a preferência do público pelos gêneros transmitidos em determinados períodos do dia. Sendo assim, ficou mais fácil classificar os programas por categorias. Para Souza (2004), a classificação dos programas da televisão brasileira é dividida em cinco categorias: entretenimento, informação, educação, publicidade e outros.

Para Kaminsky (apud SOUZA, 2004), a categoria e o gênero devem fazer parte da mesma análise. O autor define a palavra gênero como ‘ordem’. Com base nisso, as categorias e os gêneros dos programas da televisão brasileira foram elencados da seguinte forma:

- a) Categoria entretenimento: auditório, colunismo social, culinário, desenho animado, docudrama, esportivo, filme, *game show*, humorístico, infantil, interativo, musical, novela, *quis show*, *reality show*, revista, série, *sitcom*, *talk show*, teledramaturgia, variedades, *western*.
- b) Categoria informação: debate, documentário, entrevista, telejornal.
- c) Categoria educação: educativo, instrutivo.
- d) Categoria publicidade: chamada, filme comercial, político, sorteio, telecompra.
- e) Categoria outros: especial, eventos, religioso.

Um mesmo programa pode conter dois gêneros ou mais, o que é chamado de hibridismo. Segundo Souza (2004), o gênero de um programa associa-se diretamente

a um formato. Para o autor, o formato de um programa pode apresentar-se de maneira combinada, a fim de reunir elementos de vários gêneros e, assim, possibilitar o surgimento de outros programas. Entende-se, então, que 'formato' está sempre associado a um 'gênero', assim como 'gênero' está diretamente ligado a uma 'categoria'. Dessa maneira, a TV busca alcançar todos os públicos.

2.1.2 Hibridismo, Infotimento e espetáculo televisual

Com a convergência, o entrelaçamento entre as categorias, gêneros e formatos aumentou. Segundo Dejavite (2006), o termo "infotimento", espécie de nova categoria que transita entre a informação e o entretenimento, surgiu na década de 1980, mas ganhou força no fim dos anos 1990, quando passou a ser empregado por profissionais e estudiosos da área da comunicação como sinônimo de jornalismo que fornece informação, prestação de serviço e, ao mesmo tempo, divertimento ao telespectador, ou seja, uma fusão de jornalismo com entretenimento. Outro fator preponderante no jornalismo de infotimento são as imagens. Elas se fortalecem porque "o público está acostumado, principalmente depois do sucesso da televisão e agora com a internet, a aceitar a notícia de melhor montagem cênica" (DEJAVITE, 2006, p. 68).

Para Martino (2009, p.155), o infotimento é uma "articulação estética para tornar informações reais agradáveis e fáceis de ser compreendidas ou mesmo borrar a fronteira entre informação e entretenimento, passando mensagens sérias ao lado de atrações mais leves". Conforme Marcondes Filho (2002, p.84, grifos do autor), não basta mais informar-se sobre o mundo, é preciso surpreender-se com ele: "(...) as cenas filmadas devem transmitir a dor, a desolação, a tristeza; mas também imagens de trabalho, solidariedade, luta, nada é proibido (...) proibidas são as imagens monótonas, 'sem vida' paradas, assentadas".

A partir disso, diversos programas passaram a ser caracterizados como infotimento. Um exemplo são os programas de esportes, definidos assim por mostrar os jogos e as competições que entretêm o público e passam informações sobre os mesmos.

O primeiro evento esportivo transmitido no Brasil foi em 1950. A TV Tupi veiculou a partida entre Palmeiras e São Paulo, no estádio do Pacaembu. Esse

acontecimento favoreceu que outras emissoras do país tivessem em suas grades, programas com conteúdo esportivo, como o “Mesa Redonda”, de 1954, na TV Record. De acordo com Ribeiro (2007, p.158), o programa “Mesa Redonda” foi o precursor ao promover debates esportivos na televisão aos finais de semana, formato utilizado até os dias atuais. O programa era apresentado por Geraldo José de Almeida e Raul Tabajara, com transmissões ao vivo das partidas de futebol. E em 1962, na Copa do Mundo do Chile, os brasileiros tiveram a oportunidade de assistir aos jogos da Seleção Brasileira, em um momento inédito na televisão do país.

A televisão, num espaço curto de tempo, começou a se desenvolver não somente para apresentar um evento esportivo, mas também para torná-lo um verdadeiro espetáculo, no qual o telespectador se aproxima das emoções vividas e tem a melhor percepção dos diferentes lances. A TV “seduz” o receptor, não somente informando, mas entretendo o indivíduo, apropriando-se das possibilidades apreciadas pelo espectador.

“A televisão busca fascinar os interesses das pessoas e para isso, mexe com elementos do inconsciente psíquico, recalques, desejos, fantasias, sem, contudo, levar às experiências e vivências reais, mas sim, indiretas, vive-se a emoção dos outros” (BETTI, 1998, p.37). Neste contexto, o esporte oferece uma série de elementos que podem e comumente são apropriados pela televisão para a construção do que é transmitido. Os atletas e suas vidas, os eventos e seus desdobramentos, questões financeiras que envolvem o esporte e as modalidades esportivas, são potenciais assuntos para o infotainment na TV.

Os sentimentos excedem a esfera do individual e se estendem para os domínios sociais. Portanto, na relação entre imaginário e jornalismo interessa o aspecto coletivo, a manifestação social do imaginário, uma vez que o fenômeno da comunicação noticiosa é de natureza igualmente social e coletiva. O imaginário circularia através da história, das culturas e dos grupos sociais, como um fenômeno coletivo, social e histórico (LEGROS, et al., 2005, p. 10).

Na perspectiva de Maffesoli, “(...) não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário determina a existência de um conjunto de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado” (MAFFESOLI, 2008, p. 76). Pela observação básica de Juremir Machado da Silva (2006, p. 9), que o imaginário deve sempre ser entendido como algo mais amplo que um conjunto de imagens. O imaginário não seria um mero álbum de fotografias mentais nem um museu da

memória individual ou social. Tampouco se restringiria ao exercício artístico da imaginação sobre o mundo. “O imaginário é uma rede etérea e movediça de valores e sensações partilhadas concreta ou virtualmente”.

Para Guy Debord (1997, p.28), no espetáculo “o mundo sensível é substituído por uma seleção de imagens que existe acima dele, e que ao mesmo tempo se faz reconhecer como sensível por excelência.” Mario Vargas Llosa (2013), defende que a civilização do espetáculo é a civilização de um mundo que tem como ideal o entretenimento, onde o objetivo é divertir-se e escapar do tédio. Porém, transformar em valor supremo essa tendência a divertir-se pode ter graves consequências, como a banalização da cultura, a generalização da futilidade e, no campo da informação, “(...) jornalistas irresponsáveis da bisbilhotice e do escândalo” (LLOSA, 2013, p. 30).

3. JORNALISMO ESPORTIVO NO BRASIL

Para entender o jornalismo esportivo atual, faz-se necessário primeiramente entender o conceito de jornalismo como profissão, a fim de, depois, falar-se sobre o jornalismo especializado e resgatar a história dos principais acontecimentos desse gênero jornalístico no Brasil.

Como base principal, será utilizado o livro *Jornalismo Esportivo*, do autor Paulo Vinicius Coelho (2004), por ser a obra que melhor apresenta o assunto em detalhes.

3.1 JORNALISMO EM SUA ESSÊNCIA

“Impresso, escrito, falado ou virtual, o seu objetivo é informar, interpretar, orientar e divertir” (BAHIA, 1990, p. 19). Conforme Juarez Bahia (1990 p. 9), a palavra ‘jornalismo’ significa “apurar, reunir, selecionar e difundir notícias, ideias, acontecimentos e informações gerais com veracidade, exatidão, clareza, rapidez, de modo a conjugar pensamento e ação”. Para o autor, é atribuição do jornalista, assumir o papel de intermediário da sociedade, conduzindo a comunidade, direta ou indiretamente, a envolver-se mais ativamente na vida social. Para isso, o jornalismo tem como um dos principais objetivos, a entrega da notícia ao seu destino: o público, independentemente de como esse conteúdo seja disseminado.

Para Luiz Beltrão (1980), a essência do jornalismo é a informação da atualidade. Necessita-se de fatos que estão ocorrendo no momento, a não ser quando uma situação do presente atualiza situações passadas. Já o objeto do jornalismo é a atualidade de interesse abrangente. Isso significa que as ocorrências que geram tais efeitos não se limitam a determinados setores, campos ou segmentos sociais, mas em qualquer parte do universo, onde quer que se produza uma situação capaz de provocar o interesse coletivo e afetar as pessoas. “Atividade social por excelência, o jornalismo não se dirige a um indivíduo ou a um grupo determinado, mas a toda sociedade” (BELTRÃO, 1980, p. 13).

Uma característica imprescindível para o jornalismo é buscar a veracidade dos fatos, citada por Bahia (1990) como sendo a noção mais útil no jornalismo. Para Gomes (2009), o assunto pautado deve ser um “retrato” da realidade. Com isso, segundo o autor, se estabelece a confiança de quem acompanha estas informações. Ainda para o autor, o profissional assume um compromisso diante da sociedade, o de

que os argumentos utilizados sejam considerados verdadeiros por quem anuncia. “Não há notícia sobre a qual não se imponha legitimamente uma obrigação e veracidade; aliás, só é notícia um ato verbal que comporte uma pretensão de ser verdadeiro” (GOMES, 2009, p. 11).

De modo menos complexo, o conceito de verdade é definido como a descrição de algo ou um fenômeno que corresponde à sua natureza, sendo algo que acessáramos por meio da razão e dos sentidos (a depender da forma como entendemos a questão). Já a veracidade², é a comprovação daquilo que é verdadeiro. Seu significado está altamente interligado a tudo que diz respeito à verdade ou à capacidade de dizer sempre o que é confiável. Sendo assim, a veracidade é o contrário da mentira e da falsidade.

A objetividade é outra característica fundamental para o jornalismo. Conforme Bahia (1990), ela tem a ver com a apuração dos fatos, registrando todas as versões de um acontecimento. Para Clovis Rossi (2007), partindo do pressuposto de que sempre há, pelo menos, dois lados na mesma história, pela ética, o jornalista deve ouvir ambas as partes, publicando-as lado a lado. Dessa maneira, o receptor pode fazer sua análise. Entretanto, as dificuldades para esta prática são reconhecidas.

(...) não existe objetividade em jornalismo. Ao redigir um texto ou ao editá-lo, o jornalista toma uma série de decisões que são em larga medida subjetivas, influenciadas por suas posições pessoais, hábitos e emoções. Isto não o exime, porém, da obrigação de procurar ser o mais objetivo possível. Para retratar os fatos com fidelidade, reproduzindo a forma em que ocorrem bem como suas circunstâncias e repercussões, o jornalista deve procurar vê-los com distanciamento e frieza, o que não significa apatia nem desinteresse... (MANUAL DE REDAÇÃO DO JORNAL FOLHA DE S. PAULO, 1987 p. 34).

De acordo com Bahia (1990), a grande maioria dos profissionais de jornalismo tem a objetividade somente como algo ideal, cobiçado, mas improvável. Para outros profissionais, ela é totalmente desnecessária numa informação precisa. A melhor forma está na firmeza e na honestidade da informação. Referente ao argumento da honestidade, o autor confia que no jornalismo predomina a noção de que uma informação não é uma informação se não for verdadeira. Bahia (1990) enfatiza ainda que a imparcialidade é um ideal para o jornalismo, assim como as outras características citadas. Um exemplo é que o jornalista e o veículo devem ser tão

² Disponível em <https://www.significados.com.br/veracidade/> Acesso: 22 outubro 2020.

rigorosos quando se trata de uma partida de futebol quanto quando retratam uma convenção partidária para a escolha de candidatos à Presidência da República.

O profissional de jornalismo deve buscar a exatidão, que tem como característica a responsabilidade da veiculação correta de uma notícia. O veículo que seguir as práticas do jornalismo, terá mais credibilidade na sociedade. Credibilidade, para Bahia (1990), é o valor da confiança depositada naquele que passa uma informação qualificada e com responsabilidade. As notícias transmitidas com informações que procedem ganham credibilidade, e com isso, mais leitores, ouvintes, telespectadores e internautas.

Beltrão (1980, p. 14) defende que o jornalismo tem como objetivo a promoção do bem comum. A função do jornalista é informar e orientar as populações de uma região determinada e de todo mundo, gerando opiniões a partir do conhecimento dos fatos. Dessa forma, faz com que a sociedade se torne cada vez mais crítica. Sem o conhecimento da atualidade, mergulharíamos no caos. No lugar da informação jornalística real e objetiva, a ficção do boato, a desorientação e o pânico do desconhecido tomariam conta da população.

Assim, embora não formalmente, a função do jornalista é também educativa, quando fornece os dados objetivos que aclarem a opinião pública, permitindo à comunidade agir com discernimento na busca do progresso, da paz, e da ordem justa” (BELTRÃO, 1980, p.30).

O papel do jornalista tem um peso muito relevante para a sociedade. Por isso, é importante checar as fontes e ter consciência quando veicular as informações. Os ideais da profissão devem funcionar como balizadores para que haja uma boa comunicação entre os profissionais, seus veículos e a sociedade.

3.2 HISTÓRIA E PERSPECTIVAS DO JORNALISMO ESPORTIVO

O jornalismo esportivo pôde acompanhar a evolução tecnológica e a evolução dos meios de comunicação, iniciando sua trajetória nos jornais impressos.

O jornalismo esportivo é responsável por divulgar tudo o que acontece em relação ao esporte, o que vai desde o conceito de esporte como ferramenta de inclusão social até os noticiários especializados em modalidades esportivas de alto rendimento, onde estão condicionados aspectos como entretenimento e profissionalismo. Todo assunto de interesse da sociedade que envolva esporte é objeto do jornalismo esportivo (CARVALHO, 2012, p.81).

Conforme Coelho (2003), o jornalismo esportivo teve início no ano de 1910, no *Jornal Fanfulla*, da cidade de São Paulo. Na época, o *Jornal Fanfulla* não era formador de opinião, mas chegava a um número cada vez maior de pessoas da cidade. Segundo o autor, em 1931, no Rio de Janeiro, foi criado o primeiro jornal totalmente dedicado aos esportes: o *Jornal dos Sports*. “No início do século XX, o Rio de Janeiro pulsava e impulsava o Brasil. E no Rio os jornais dedicavam também cada dia mais espaço ao futebol” (COELHO, 2003, p. 9). Na época, o futebol era um esporte de elite. Segundo o autor, foi no time do Vasco da Gama que ocorreu a implementação dos negros no futebol, auxiliando a popularização do esporte.

No rádio, as notícias reproduzidas sobre esporte baseavam-se apenas em leituras de algumas notas retiradas dos jornais. Segundo Edileuza Soares (1995), no livro *A Bola no Ar*, somente depois do ano de 1931 foi criada uma conexão do futebol com o radiojornalismo, devido à primeira transmissão de uma partida ao vivo, feita em São Paulo, com a transmissão da A Rádio Sociedade Educadora Paulista. O jogo reuniu as equipes do São Paulo e do Paraná.

Segundo Soares (1995), devido à falta de recursos técnicos no começo das transmissões, os narradores passavam por dificuldades e a comunicação raramente saía perfeita. Por vezes, o locutor subia em postes para pegar uma linha telefônica, que poderia ser, em determinados momentos, clandestina. A persistência em transmitir jogos provocou uma melhoria nos equipamentos e ajudou no desenvolvimento do jornalismo radiofônico do Brasil. E com o aumento da quantidade de rádios e narradores, o jornalismo esportivo foi conquistando mais recursos.

Conforme Guerra (2000), com a popularidade esportiva, em 1940 surgiram outros profissionais, como os comentaristas. Coelho defende que “não existe jornalista de esportes. Existe jornalista, aquele que se dedica a transmitir informações de maneira geral, o especialista em generalidades” (COELHO, 2004, p.37). Porém, ainda segundo o autor, sempre que o jornalista possuir uma especialização e um conhecimento mais aguçado em alguma área, melhor ele será. Raramente o profissional falará somente sobre o esporte em relação ao qual tem mais intimidade. Isso explica, em parte, o surgimento dos comentaristas.

Na televisão, pouco tempo depois da sua inauguração em 1950, a TV Tupi já transmitia jogos de futebol em São Paulo e cidades próximas. Os autores Ricardo Xavier e Rogério Sacchi, da obra *O Almanaque na TV* (2000), asseguram que a primeira transmissão de um evento esportivo pela televisão foi feita em 10 de outubro

de 1950. A partida, realizada no estádio do Pacaembu, foi disputada entre as equipes do São Paulo e Palmeiras e transmitida pela *TV Tupi*.

Conforme os autores, em 1952 a *TV Paulista*, posteriormente nomeada *TV Globo*, passou a disputar as transmissões dos jogos. Xavier e Sacchi (2000) dizem que a *TV Paulista*, naquela época, enviava seus poucos equipamentos para as transmissões externas. Quando a partida acabava, a emissora era obrigada a ficar um período fora do ar até que seus equipamentos pudessem retornar aos estúdios.

No início das transmissões na TV, os narradores baseavam-se na forma de narração utilizada no rádio para detalhar a partida. Mas como as imagens mostravam a maioria dos detalhes, segundo Xavier e Sacchi (2000), a crítica considerava que alguns comentários e observações sobre as partidas pudessem ser dispensáveis. Após ouvir as críticas, os narradores optaram por somente identificar os jogadores, deixando a análise da partida ao público.

Raul Tabajara, da TV Record ganhou o troféu Roquette Pinto em 1955 por ter encontrado um meio-termo entre os dois estilos. Já em 1955, o compositor Ary Barroso, que também era locutor esportivo, adotou uma forma de narração de partidas de futebol na TV Tupi carioca: apenas comentava com naturalidade os lances, como se fosse um amigo sentado no sofá ao lado do torcedor, em casa (XAVIER; SACCHI, 2000, p. 175).

No ano de 1959 foi criado o recurso de vídeo chamado de *Tira-Teima*. Xavier e Sacchi (2000) esclarecem que era a exibição, por várias vezes, dos lances mais discutidos e polêmicos da partida. Em 1963, os juizes de futebol tentaram restringir as transmissões de futebol pela televisão. “Não deu em nada: o público continuou exigindo, no mínimo, o videoteipe dos jogos e criticando qualquer mancada dos árbitros” (XAVIER; SACCHI, 2000, p.178).

Ainda no ano de 1963, também conforme os autores, a *TV Rio* criou a primeira mesa-redonda, que no início foi chamada de *Grande Revista Esportiva*. Formada por Armando Nogueira, que mais tarde se tornaria diretor da Central Globo de Jornalismo, Nelson Rodrigues, João Saldanha, José Maria Scassa, Hans Henningsen, o *Marinheiro Sueco*; Vitorino Vieira, o ex-jogador Ademir e o âncora Luiz Mendes. Devido ao patrocínio que recebeu da empresa Facit, fabricante de máquinas de escrever, no final do ano de 1963 o nome do programa passou a ser chamado de *Grande Resenha Facit*. Em 1966, a mesa-redonda transferiu-se para a *Rede Globo*, onde ficou até o ano de 1969.

Em 1971, inicialmente na *TV Tupi*, chegava ao Brasil o recurso do *slow-motion*, conhecido como câmera lenta, que permitiu analisar a partida nos mínimos detalhes. Conforme Xavier e Sacchi (2000), no ano de 1972, em Caxias do Sul, foi realizada a primeira transmissão em cores da América do Sul. A partida, que fazia parte da programação da Festa da Uva, foi entre a Associação Caxias e o Grêmio de Futebol Portoalegrense, no estádio Baixada Rubra, com a narração de Luiz Mendes pela *TV Rio*.

Segundo Fidel Lucas de Carvalho Nunes (2011), autor do artigo *As mudanças no formato de linguagem do Globo Esporte Nacional*, no ano de 1978 foi criado um dos programas de jornalismo esportivo mais conhecidos do país, o *Globo Esporte*, apresentado por Léo Batista, que na época usava terno e gravata, atrás de uma bancada com pouca transição de câmeras.

Coelho (2003) cita que nos anos 1980 as TVs *Bandeirantes* e *Record* disputavam a audiência do público que acompanhava o esporte. Nesse período, a *TV Bandeirantes* se intitulou “O Canal do Esporte” (COELHO, 2003, p. 64), transmitindo com exclusividade a maioria dos jogos do Campeonato Brasileiro entre os anos de 1986 e 1993. O autor afirma que até esse período, a *Rede Globo* ainda não realizava transmissões de jogos, somente mostrava os lances das partidas no seu jornal esportivo, *Globo Esporte*.

No artigo *Da emoção à interação*³, o autor Giordano Bruno Medeiros Oliveira (2015) reitera que problemas técnicos como distância de câmeras do jogo, falha nos equipamentos, atraso nas transmissões, eram frequentes no início das transmissões da televisão, até a década de 1980. A partir daí, vários aperfeiçoamentos foram feitos, e com as transmissões em cores e um novo modelo de narração feito por Galvão Bueno, Luciano do Valle e Silvio Luiz, o Brasil inteiro passou a acompanhar permanentemente as partidas esportivas pela televisão.

Para o autor, outro fato marcante que auxiliou a evolução das transmissões televisivas foi a transmissão de um campeonato estrangeiro no Brasil, realizado pela *TV Cultura*, em 1991. O Campeonato Alemão foi transmitido em cores e ao vivo para todo o país. Os recursos e tecnologias usadas na sua difusão impressionaram, o que fez da partida um espetáculo para quem assistia. Oliveira (2015) afirma que,

³ OLIVEIRA, Giordano Bruno de Medeiros e. *Da emoção à interação: história das transmissões esportivas na televisão brasileira*. 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1885-1.pdf>. Acesso: 28 set. 2020.

posteriormente a esse fato, a *TV Bandeirantes* passou a investir consideravelmente em suas transmissões esportivas.

As transmissões dos jogos pela TV por assinatura no Brasil, conforme Coelho (2003), começaram em 1991, com a *Globosat* e a *Televisão Abril (TVA)*. Para o autor, a *TVA* cometeu um equívoco na escolha técnica. Enquanto a *Globosat* difundiu sua rede por cabos nas capitais, a *TVA* buscou vender suas antenas parabólicas e assinaturas.

O primeiro reflexo disso na programação esportiva foi apenas o número de assinantes. O *Sportv*, criado em 1992, contou rapidamente com quantidade muito maior deles do que o *TVA Esportes*, fundado em 1993. Com mais assinaturas havia mais chance de conseguir patrocinadores. Mas o que determinou de vez o caminho dos dois canais foi um contrato para a transmissão dos principais jogos do futebol brasileiro por três anos, assinado em 1994 pela *TVA Esportes* e pelo *Clube dos Treze*, a entidade que reúne os principais clubes do país (COELHO, 2003, p. 69).

Coelho (2003) afirma que nesse mesmo período, a *Globosat* também assinou um contrato para a transmissão com a Confederação Brasileira de Futebol, o órgão que organiza o campeonato brasileiro. Os dois contratos tinham vigências legais na prática. Foi aí que a “briga” começou, pois no começo das transmissões do campeonato na televisão por assinatura no Brasil, o autor reitera que a *TVA* transmitiu todos os jogos no ano de 1994. Foi quando a *TVA* mudou seu nome para *ESPN Brasil*, em 1995, quando as restrições começaram.

Conforme Schinner (2004, p.124 grifos do autor), “(...) a grande virada veio quando a Globo passou a “enxergar” o futebol como algo rentável, culminando com a criação da sua própria empresa para administrar os eventos”. A partir desse momento, a emissora passou a colocar as transmissões em sua programação. Para Oliveira (2015), as transmissões resultaram numa maior visibilidade aos clubes e aumentaram a publicidade da emissora. Desde 1995 a Globo tem os direitos de exclusividade das transmissões do Campeonato Brasileiro de Futebol.

O período de adaptação do jornalismo esportivo nos veículos de comunicação, foi repleto de questionamentos. Desde as indagações sobre se o público ainda frequentaria os estádios, até aquelas que afirmavam que o audiovisual tiraria a imaginação do torcedor. Porém, o que se pode perceber, foi que a televisão aproximou as pessoas do esporte, proporcionando afinidade entre o esporte e o público.

Outros esportes como vôlei, basquete, entre vários outros, também ganharam maior visibilidade proporcionada pela televisão. E para acompanhar as adaptações do jornalismo, os profissionais precisaram se especializar cada vez mais. Segundo Coelho (2004), o esporte, especialmente o futebol, dificilmente passa despercebido, pois está presente na maioria dos veículos de comunicação.

Segundo Pereira (1980), o esporte é utilizado sobretudo para obter a audiência da população, que busca se distrair e até esquecer os problemas cotidianos. Dado que o jornalismo esportivo estava obtendo bons rendimentos, as emissoras então, começaram a disputar a audiência dos programas esportivos. “E o esforço da TV para concentrar a atenção dos telespectadores no esporte vendeu muito bem em termos de audiência” (CAPARELLI, 2004, p.157).

Para que essa audiência fosse mantida, os profissionais e as emissoras precisaram se adaptar para conseguir transmitir os jogos ao vivo, até chegar ao cenário atual. Hoje, o jornalismo esportivo tem uma abordagem leve e informal e construiu suas próprias características dentro do telejornalismo.

Seja por meio da realização de enquetes, uso de linguagem direta e coloquial, leitura de comentários registrados na internet e até mesmo exibição de fotos antes da exibição dos intervalos comerciais, o público é um interlocutor presente (TOSTA; COUTINHO, 2013, p.223).

A tecnologia foi outro fator que ajudou no crescimento do jornalismo esportivo. A qualidade da transmissão dos jogos é importante para o torcedor acompanhar o seu esporte preferido pelos veículos de comunicação e escolher a emissora que oferece melhor qualidade no quesito comentaristas e narradores das partidas. Dessa forma, adaptando os seus conteúdos para a internet, o jornalismo esportivo conseguiu conquistar uma maior interação com a sociedade.

4. A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO

Desde os seus primórdios, os seres humanos são influenciados pela sociedade. As pessoas buscam, de alguma maneira, pertencer a uma comunidade, e para isso, seguem o que as outras pessoas fazem/falam. Muitos pais induzem seus filhos meninos a usarem azul e a brincarem de carrinho, tanto quanto suas filhas meninas usam rosa e brincam de boneca. Ainda na infância, as crianças são ensinadas como devem se comportar, quanto às questões de gênero. A partir disso, pode-se refletir sobre o motivo de as mulheres ainda serem discriminadas quando comparadas ao sexo oposto.

Catardo (2005) expõe que, ao longo da história, o papel da mulher sempre foi definido como sendo o de dona-de-casa, responsável por afazeres que a inferiorizavam. A luta é antiga, atualmente pode-se dizer que esse cenário evoluiu. Ainda não como deveria, podem-se notar mudanças no comportamento das mulheres, que hoje se capacitaram para competir com os homens no mercado de trabalho.

Neste capítulo é abordado o movimento feminista e a história da mulher no esporte, com foco nos programas de televisão. Além disso, é apresentada a trajetória das profissionais de jornalismo no esporte que fazem parte deste estudo monográfico.

4.1 O MOVIMENTO FEMINISTA

O feminismo tem como base o pensamento de que, apesar de homens e mulheres serem diferentes fisicamente, todos devem ser tratados do mesmo modo. A esperança do movimento reside em uma sociedade igualitária, em que diferenças de gênero, cor e raça não sejam motivos para discriminação.

Em busca dos seus direitos, as mulheres iniciaram uma trajetória denominada como movimento feminista. Segundo Beauvoir (2016), o movimento buscar questionar sobre a feminilidade, a igualdade e a liberdade. E foi através de movimentos sociais que as mulheres passaram a conquistar o empoderamento. Perrot (2007, p.17) acrescenta que “as mulheres deixam poucos vestígios diretos, escritos ou materiais. Seu acesso à escrita foi tardio”, tornando sua história, muitas vezes, difícil de ser compreendida.

Beauvoir (2016) afirma que a participação da mulher na Revolução Francesa, no século XVIII, foi muito importante, pois mostrou uma imagem diferente em relação à mulher fragilizada e dona-de-casa. As mulheres demonstraram ser ativas nas ideias, ações e trabalhos braçais durante a Revolução. Segundo a autora, naquele período, as mulheres fundaram clubes e participaram de assembleias. Uma de suas movimentações públicas contra a fome ficou conhecida como “A Marcha das Mulheres” ou “A Marcha de Versalhes”.

Conforme Priore e Bassnezi (1997), foi durante a Primeira e a Segunda Guerras Mundiais que as mulheres conquistaram seu lugar no mercado de trabalho. As mulheres assumiram os lugares dos homens que precisavam ir para a guerra. Com a grande quantidade de mortos e incapazes de conseguir trabalhar, no pós guerra, as mulheres se mantiveram trabalhando.

No início do século XX, com a Revolução Industrial e os avanços tecnológicos, as mulheres foram transferindo-se para as fábricas e seu trabalho era preferido pelos empresários, já que elas acabavam aceitando salários mais baixos que os dos homens, pelo mesmo serviço prestado.

No Brasil, somente com a Constituição de 1934⁴, as mulheres passaram a se beneficiar com algumas leis. Assim, foi determinado que o salário de um mesmo serviço deve ser pago igualmente, sem distinção de gênero; a mulher não deveria trabalhar das 22 horas às 5 horas e as mulheres grávidas estavam proibidas de trabalhar nas quatro semanas antes e depois do parto. Com o passar do tempo, algumas leis foram melhoradas e, hoje, mulheres grávidas têm um período maior de licença após o parto.

Pinto (apud MATOS, 2010, p. 2) divide em três grandes momentos o movimento feminista no Brasil. O primeiro manifestou-se na luta pelo direito ao voto. Essa onda, segundo o autor, foi organizada principalmente por mulheres das classes média e alta, e, frequentemente, “por filhas de políticos ou intelectuais que tiveram a chance de estudar em outros países, tendo configurado um “feminismo bem comportado e/ou difuso”.

Conforme Safiotti (1998), o movimento pelo direito ao voto da mulher foi liderado pela bióloga e cientista Bertha Lutz, uma das fundadoras da Federação

⁴ Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao34.htm. Acesso em: 10 nov. 2020.

Brasileira pelo Progresso Feminino, na década de 1920. Também foi durante este primeiro momento que, segundo Gomes (2005), as mulheres tiveram atividades profissionais mais variadas dentro do mercado de trabalho. Na área do jornalismo, as mulheres iniciaram sua participação na imprensa ainda no final do século XIX. Porém, no esporte, era praticamente impossível ver mulheres até a década de 1970.

Segundo Pinto (apud MATOS, 2010), o segundo momento manifestou-se durante o clima político do regime militar no início de 1970, e se caracterizou pela discussão acerca da sexualidade e das relações de poder, deslocando a atenção da igualdade para as leis e costumes.

As organizações de mulheres que se levantaram em oposição ao militarismo formaram muitos grupos que consolidaram os interesses e demandas femininas, propiciando maior articulação delas na arena pública. Esta segunda onda caracterizou-se, no Brasil e nos demais países latino-americanos, então, como uma resistência contra a ditadura militar e, por outro lado, em uma luta contra hegemonia masculina, a violência sexual e pelo direito ao exercício do prazer (PINTO apud MATOS, 2010, p. 2).

Também de acordo com Safiotti (1998), durante essa fase, ocorreu nos Estados Unidos a “queima de sutiãs”, que foi o primeiro ato público a questionar o “padrão de beleza” imposto pela sociedade. Reuniram-se mais de 400 mulheres em frente ao concurso de beleza Miss América, em Atlantic City. Esse ato foi um marco na história do feminismo. A repercussão abriu uma discussão em torno do conceito de gênero e sobre a liberdade feminina. No Brasil, somente na Constituição de 1988, através da formalização e consolidação da equidade de gênero, dispôs-se que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”.

Pinto (apud MATOS, 2010) descreve que a terceira fase iniciou em 1990, quando as mulheres lutaram para deixar de ser objetos sexuais, buscaram, mais efetivamente, direitos por métodos conceptivos e começaram a encarar seu corpo de outra forma. Todas as manifestações ajudaram as mulheres a mostrar para a sociedade como elas buscavam ser vistas e tratadas.

O movimento feminista que hoje está em alta, já teve suas baixas. Porém, pode-se dizer que as mulheres seguem lutando por igualdade, não apenas de gênero, e quebrando o silêncio quando se fala de abusos sexuais ou domésticos. Para que conseguissem os seus direitos mais importantes, como o de votar e ser reconhecidas no mercado de trabalho, foram longos anos de luta.

Hoje, as mulheres não são apenas empregadas, ocupam também cargos de liderança e de poder, mesmo que a porcentagem ainda seja pequena. Porém, ainda há muito para ser conquistado.

4.2 A MULHER, O ESPORTE E OS PROGRAMAS DE TELEVISÃO

Na área do esporte subentende-se que a discriminação contra a mulher é ainda maior. Mesmo conquistando seus espaços no jornalismo esportivo como colunistas, repórteres, comentaristas, apresentadoras e falando sobre qualquer esporte, especialmente o futebol, o preconceito contra as mulheres continua. A maior parte das mulheres é primeiramente encaminhada para editorias de esportes amadores. “É mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre futebol e automobilismo. Territórios onde o machismo ainda impera” (COELHO, 2004, p.35).

O autor traz o exemplo de Regiane Ritter, que atuou como repórter em três Copas do Mundo, era bem informada e entendia do assunto futebol. Coelho (2004) descreve que, nesse período, a jornalista era vítima de preconceito pelos próprios colegas de profissão, pois se sentiam incomodados com a presença feminina. Mesmo com o preconceito, Regiane conquistou o seu espaço e hoje é um exemplo de que as mulheres vêm se destacando cada vez mais nas áreas em que são inseridas.

Segundo Righi (2006), a primeira repórter de campo da Rede Globo foi Ana Zimmerman, em 1988, quando fez a cobertura da Copa do Mundo na França. A autora também cita que em 2002, foi a vez de Fátima Bernardes, também da Rede Globo, ser destaque na Copa do Mundo do Japão e da Coréia do Sul. A apresentadora deixou a bancada do Jornal Nacional e mostrou que as mulheres podem gostar e entender de esportes. Em 2006, na Alemanha, Fátima esteve presente mais uma vez, realizando boletins e matérias de cunho esportivo.

Com novas regras sendo implantadas no Brasil, atualmente um clube precisa ter um time de futebol feminino para participar de certos campeonatos. Isso faz com que o futebol feminino cresça cada vez mais. Mas é importante ressaltar que, pelo que se pode perceber, a mulher é mais aceita praticando o futebol do que falando sobre técnicas e táticas de jogo.

As entrelinhas do cinismo expressam o seguinte: Mulheres podem jogar, mas que não se profissionalizem nem tentem entender do assunto. Namorem jogadores, criem sites sobre galãs como Beckham e o Morientes, sejam

assistentes de palco de programas (usem decotes) ou façam matérias de biquíni, mas, por favor, não se metam em território onde só o macho tem competência para opinar, gerir e praticar (BESSA, 2006, p. 1).

Outra questão muito preocupante, além do preconceito sofrido pelas mulheres, são os casos de assédio moral e sexual que as mulheres jornalistas sofrem em seu âmbito de trabalho. Recentemente, vários desses casos de assédio aconteceram dentro do jornalismo esportivo, enquanto as mulheres estavam desenvolvendo sua função. Como por exemplo, o caso da jornalista Bruna Dealtry, que estava fazendo uma cobertura ao vivo para o canal Esporte Interativo e foi beijada, à força, por um torcedor. A repórter disse que a atitude “não foi legal”⁵ e continuou passando as informações.

Com o intuito de lutar contra episódios como este, de assédio e agressões dentro dos estádios, nas redações e entre os colegas de profissão, 52 jornalistas que trabalham com o esporte se juntaram e lançaram nas redes sociais um vídeo com o título “#deixaelatrabalhar”⁶. O vídeo de 2 minutos e 41 segundos inicia com recortes de matérias envolvendo assédio e preconceito contra mulheres jornalistas, e vozes masculinas citando frases que mulheres da área esportiva costumam escutar. Em seguida, as jornalistas aparecem, pedindo o respeito da sociedade e, no final, citam a hashtag⁷ criada por elas, que deu nome ao vídeo. São mais de 40 mil visualizações no YouTube.

Embora os colegas de trabalho, os clubes e a sociedade tenham apoiado a mobilização das jornalistas, muitos assédios ainda continuam acontecendo. A questão da desigualdade de gênero leva à desigualdade de salários. Dessa maneira, entende-se que há um longo caminho a ser percorrido pelas mulheres no mercado de trabalho, principalmente no jornalismo e, em especial no jornalismo esportivo.

⁵ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=UqfX-xXIYIw>. Acesso: 10 de novembro de 2020.

⁶ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=omrrlFeCTLQ>. Acesso: 10 de novembro de 2020.

⁷ Recurso de agrupamento que identifica grupos ou conteúdos específicos, através do símbolo “#” antes de uma palavra ou expressão, com o objetivo de facilitar a pesquisa pelo assunto com o qual esse símbolo se relaciona: algumas hashtags espalham boas ideias pelas redes sociais, a exemplo da #deixaelatrabalhar. disponível em: <https://www.dicio.com.br/hashtag/>. Acesso: 10 de novembro de 2020.

4.3 TRAJETÓRIA DAS PROFISSIONAIS DE JORNALISMO NO ESPORTE

Muitos programas esportivos, hoje, contam com a presença das mulheres, sendo como apresentadoras, repórteres ou comentaristas. Com isso, percebe-se a inserção da mulher no jornalismo esportivo, mas ainda em menor escala quando comparada com a dos homens. Nos programas televisivos costuma existir uma divisão de assuntos entre a cobertura feminina e a masculina.

As personalidades deste estudo, que serão apresentadas a seguir, se destacam em suas funções, não só pelo conteúdo, mas também pela *performance* ao desenvolverem seu trabalho.

4.3.1 Ana Thaís Matos

A jornalista Ana Thaís Matos, formada pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo em 2011, iniciou na profissão como estagiária na redação do jornal *O Lance!* De 2012 a 2018 ela trabalhou na Rádio Globo/CBN, e em 2019 iniciou como comentarista na SporTV do Grupo Globo, onde comentou seu primeiro jogo entre Ituano e Novorizontino, pelo Campeonato Paulista. Naquele mesmo ano, Ana Thaís Matos deixou sua marca, tornando-se a primeira mulher a comentar um jogo de futebol na TV aberta pela Rede Globo, no jogo entre Santos e Atlético Paranaense, válido pelo Campeonato Brasileiro. E não parou de fazer história: ainda em 2019, também foi a primeira mulher a comentar uma Copa do Mundo de Futebol Feminino, dividindo a bancada de transmissão com Galvão Bueno.

Ana Thaís Matos chama a atenção do público, não apenas pelas opiniões contundentes, mas pelo conhecimento e domínio do assunto futebol. Recentemente, em setembro de 2020, a jornalista conquistou um quadro na Rede Globo, batizado com o seu nome: *Análise da Ana*. Fazendo história mais uma vez, a consolidada jornalista já concedeu várias entrevistas, onde fala sobre o preconceito que sofreu desde o início da sua carreira como jornalista esportiva.

4.3.2 Clara Albuquerque

Comentarista e escritora, Clara Albuquerque formou-se em jornalismo pela Universidade Federal da Bahia no ano de 2006. Iniciou sua carreira como colunista

no Jornal Correio, jornal com maior circulação no estado da Bahia, passando pela equipe de cultura e pela seção de esportes no jornal impresso. Já na TV Bahia, afiliada da Rede Globo no estado, foi repórter do quadro “Tudo às Claras”, no programa Bahia Esporte e, posteriormente, tornou-se comentarista de futebol do PFC/Sportv, na Bahia. Como escritora, Clara Albuquerque lançou seu primeiro livro em 2007, pela Editora Gryphus, com o título: *A Linha da Bola – Tudo que as mulheres precisam saber sobre Futebol e os homens nunca souberam explicar!*

O segundo livro, *Os Sem-Copa – Craques que encantaram o Brasil e nunca participaram de um Mundial*, foi lançado em 2014. No ano seguinte, em comemoração aos 85 anos do Sport Club Bahia, ela lançou seu terceiro livro: *Os dez Mais do Bahia, da coleção Ídolos Imortais*. Atualmente, Clara Albuquerque vive na Itália, onde atua como correspondente multimídia do canal Esporte Interativo, do grupo *Turner Broadcasting System*.

4.3.3 Isabelly Moraes

A jornalista Isabelly Moraes, formada pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), entrou para a história da televisão brasileira com apenas 20 anos de idade, quando ainda era apenas uma estudante. Foi em 2018, quando tornou-se a primeira mulher a narrar uma partida de futebol da Copa do Mundo, desde quando o torneio passou a existir, em 1930. Tudo começou quando Isabelly decidiu participar do processo seletivo do projeto “Narra quem sabe”, comandado pela jornalista Vanessa Riche, do canal FOX Sports, ficando entre as três vencedoras do projeto.

Antes disso, Isabelly já havia trabalhado na editoria de esportes da Rádio Inconfidência (Minas Gerais) em 2017 e, no mesmo ano, fez sua primeira narração no jogo entre os times do América–MG e ABC na 34ª rodada da série B do Campeonato Brasileiro, pela Rádio Mineiro. Atualmente, a narradora faz parte do time de jornalismo esportivo da Band. Ela foi contratada pela emissora em outubro de 2020 para integrar uma equipe 100% feminina nas transmissões dos jogos do Campeonato Brasileiro Feminino.

5. METODOLOGIA

Os conceitos utilizados nos capítulos anteriores são fundamentais para descrever e compreender a metodologia. As personalidades de estudo deste trabalho monográfico são as três jornalistas esportivas: Ana Thaís Matos, Clara Albuquerque e Isabelly Moraes.

Como já citado anteriormente, no primeiro capítulo, para a realização desta monografia, foi necessário caracterizar a pesquisa como qualitativa e a pesquisa bibliográfica como procedimento metodológico. Os métodos são a Análise de Conteúdo, de Laurence Bardin, mais funcional e estruturalista e a Análise de Discurso, para melhor compreender as cenas escolhidas a partir das personalidades/objetos de estudo.

De acordo com Bardin (2000), a Análise de Conteúdo é dividida em três partes, a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, inferência e interpretação. Conforme a autora, a primeira fase é a organização do material. Para essa fase a pesquisadora assistiu os programas onde as jornalistas esportivas atuam, para selecionar as cenas mais interessantes das mesmas, com base no estabelecimento de categorias: sua *performance*, a fala das jornalistas, o enquadramento/planos de imagens e a movimentação das câmeras. Esta última categoria servirá para ilustrar melhor o teor do discurso das jornalistas, ou seja, como ele é mostrado visualmente dentro das cenas analisadas. A partir disso, foram determinadas duas cenas de cada uma delas e seus diálogos constituindo-se, todo o quadro, no que se pode chamar de “texto audiovisual”.

A segunda fase é dedicada à exploração do material selecionado. Nesta etapa se encontra a decupagem das cenas escolhidas na fase anterior. Na terceira fase encontra-se a análise dos resultados obtidos. A pesquisadora analisou e interpretou as cenas selecionadas dos programas esportivos para compreender se as comentaristas e narradoras conseguem participar efetivamente dos programas, expressando as suas opiniões, ou se apenas são dirigidas por um script.

5.1 DECUPAGEM: AS FALAS E AS *PERFORMANCES* DAS JORNALISTAS ESPORTIVAS

Os recortes selecionados das personalidades estudadas nesta monografia, Ana Thaís Matos, Clara Albuquerque e Isabelly Morais, respectivamente, foram retirados da plataforma YouTube, com exceção do segundo recorte da comentarista Ana Thaís Matos, que foi retirado do site da emissora Rede Globo.

Para melhor entendimento da decupagem, fazem-se necessárias informações sobre termos⁸ técnicos utilizados, relacionados à linguagem:

- a) **Dolly**: movimento da câmera montada em um carrinho (dolly), onde a mesma abandona o enquadramento de uma pessoa/objeto (aproxima-se de determinado enquadramento), verticalmente, horizontalmente ou em diagonal. A movimentação da câmera passa a apontar para outros locais da cena.
- b) **Primeiro Plano (PP)**: a figura humana é enquadrada do peito para cima.
- c) **Meio primeiro plano (MPP)**: a figura humana é enquadrada da cintura para cima.
- d) **Plano médio (*medium shot*)**: a câmera está a uma distância média da pessoa/objeto, de modo que ela ocupa uma parte considerável do ambiente, mas ainda tem espaço à sua volta.
- e) **Plano americano (PA)**: a câmera enquadra a figura humana do joelho para cima.
- f) **Voice over**: palavras que estão sendo ditas por alguém que não está sendo visto. Em telejornalismo, considera-se o **OFF** do repórter coberto por imagens.

5.1.1 Recortes da comentarista Ana Thaís Matos

Em 2018 a jornalista esportiva Ana Thaís Matos, que na época era repórter esportiva na Rádio Globo/CBN, participou como comentarista convidada do programa

⁸ Disponível em: <https://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

Seleção, do canal de TV por assinatura SporTV. O programa, em formato de mesa redonda, é apresentado pelo jornalista André Rizek e nesse episódio contou com a participação da comentarista Ana Thaís Matos, do narrador Luís Roberto e do comentarista Juninho Pernambucano.

Além das análises dos jogos, o programa também promove debates sobre temas relacionados ao esporte.

Fotograma 1 – André Rizek, Ana Thaís Matos, Luís Roberto e Juninho Pernambucano



Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=BkEu1_zA3Qg/. Acesso: 20 nov. 2020.

RECORTE 1⁹

Data de postagem: 5 mar. 2018

Programa: Seleção SporTV

Tempo do recorte: 1'18"

(Ana Thaís Matos comenta sobre a alienação no combate ao racismo dentro do esporte).

Ana: (dolly mostrando boa parte do estúdio – apresentador e comentaristas sentados. Ana inicia o seu comentário demonstrando convicção. André leva a mão ao queixo e apoia o cotovelo sobre a mesa, demonstrando prestar atenção no que a comentarista

⁹ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=BkEu1_zA3Qg/ Acesso: 20 nov. 2020.

fala). “O Thuram fala uma coisa que eu defendo muito: quando nós falamos de racismo, de qualquer coisa que brigue pelas minorias...” (primeiro plano de Ana, que fala olhando para André) “o esporte não pode ser alienado, André. O esporte não pode ser alienado! Jogador, atleta, eu não falo só do futebol, é que o futebol a gente convive com mais naturalidade, mas não pode existir essa alienação. Quando eu acompanhei de perto, eu já era repórter, eu sou repórter há pouco tempo, o caso do Aranha é o que eu pude acompanhar de perto... a repercussão que teve em relação a isso, com a comunidade do esporte,...” (Ana gesticula, expressando afirmação) o quanto o Aranha foi negado em clubes, o quanto ele foi negado por torcedores dos próprios clubes que ele jogou, de adversários, o quanto essa pauta, ela é pouco relevante no Brasil...” (dolly enquadrando Ana e André) “e o quanto a comunidade do esporte se isenta de opinar sobre minorias. E o esporte,...” (dolly aproximando e enquadrando a comentarista) “antes de ele ser de alto nível, de rendimento, de competitividade, ele é de inserção social. Então, quando você exclui negros, mulheres, homossexuais, qualquer tipo de minoria, você perde a razão de ser do esporte, aí você foca só no alto rendimento, e o alto rendimento é 5% do que representa o esporte no mundo. Por isso que essa pauta, a entrevista com o Thuram foi fundamental”.

André: (dolly mostrando o cenário e os jornalistas, apresentador estende a mão para cumprimentar Ana) “Que bonito Aninha. Gostei. Que bonito!”

Ana: (retribui o cumprimento do colega) “Obrigada” (risos, demonstrando surpresa).

Paulo Roberto: (bate palmas para a colega) “O que dizer depois disso?!” (todos batem palmas para Ana).

Ana: (risos).

Fotograma 2 – André Rizek e Ana Thaís Matos



Fonte: <https://globoesporte.globo.com/sportv/programas/selecao-sportv/video/ana-thais-matos-comenta-proteto-de-hyuri-do-atletico-go-e-caso-mariana-ferrer-8995627.ghtml/>. Acesso: 20 nov. 2020

RECORTE 2¹⁰

Data de postagem: 5 nov. 2020

Programa: Seleção SporTV

Tempo do recorte: 1'15"

(Ana Thaís Matos comenta a reação dos clubes de futebol sobre a violência contra a mulher e o episódio de Mariana Ferrer, que em 2018 acusa um empresário de tê-la estuprado numa festa em Santa Catarina. O inquérito policial concluiu que o empresário cometeu o estupro de vulnerável, no entanto, a justiça absolveu o empresário com o argumento que ele não teve a intenção de estuprar Mariana).

Ana: (meio primeiro plano – comentarista sentada) “Como que os clubes vão nas redes sociais, se manifestam a favor ou contra a violência de gênero, não a favor da violência de gênero, mas a favor da vítima, e contrata o jogador que tem histórico de violência contra a mulher?” (intercala o olhar entre o apresentador e a câmera). “Então eu acho que é muito legal a repercussão, colocar ali na rede social, mas eu espero ações práticas!” (gesticula de forma moderada). “A cultura de estupro, a violência de gênero, nada mais é do que uma cultura da masculinização tóxica que a gente vive no esporte, e não é diferente da sociedade. Então, qual é o trabalho feito nas bases, pra melhorar a educação desses garotos que chegam com 9, 10 anos nos clubes e são forjados dentro dessa masculinidade que faz com que ele enxergue a mulher como um objeto ou como um ser secundário? Então eu acho muito legal a manifestação, mas eu espero por ações práticas. E eu vejo no Brasil, hoje, muito distante do que precisa acontecer pra daqui 10, 20 anos” (plano médio, mostrando apresentador e comentarista sentados, André balança a cabeça para frente indicando concordar com que Ana está falando). “A gente encontrar jogadores formados, não só como jogadores, mas como homens, né?” (expressão facial demonstrando decepção).

¹⁰ Disponível em: <https://globoesporte.globo.com/sportv/programas/selecao-sportv/video/ana-thais-matos-comenta-proteto-de-hyuri-do-atletico-go-e-caso-mariana-ferrer-8995627.ghtml/> Acesso: 20 Nov. 2020.

5.1.2 Recortes da comentarista Clara Albuquerque

De 2013 a 2017 a jornalista esportiva Clara Albuquerque era comentarista do programa Esporte No Ar, do canal Esporte Interativo. O programa, que era transmitido diariamente, contava com a apresentação do jornalista André Henning. Além da comentarista Clara Albuquerque, o programa recebia outros comentaristas convidados que debatiam assuntos do meio futebolístico.

Fotograma 3 – Clara Albuquerque



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=2ScZGTCqwc4/>. Acesso: 20 nov. 2020.

RECORTE 3¹¹

Data de postagem: 14 jan. 2015

Programa: Esporte No Ar – Esporte Interativo

Tempo do recorte: 1'59"

(Clara Albuquerque comenta sobre o novo regulamento da Federação de Futebol do Estado do Rio de Janeiro (FERJ), que proíbe os clubes de depreciar o Campeonato Carioca).

Clara: (primeiro plano de Clara. A comentarista gesticula bastante durante a sua fala). “A vontade que a gente tinha é que o futebol brasileiro caísse na real, percebesse a quantidade de coisa errada que existe aqui, claro que não ia mudar da água pro vinho,

¹¹ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2ScZGTCqwc4/> Acesso: 20 nov. 2020.

mas a gente precisava e tinha a esperança, ver novos caminhos, novos caminhos que não iam ser a curto prazo, claro!” (Expressão facial dando ênfase à afirmação). “O futebol está assim como está não é por conta de dois anos, tá assim por anos e anos”. (Clara faz o seu comentário olhando para a câmera, por vezes intercalando o olhar para o colega Luís Felipe de Freitas). “Então, são diretrizes, posicionamentos, ideias, que vão demorar. Mas a gente esperava que ao menos um pensamento começasse a existir nas pessoas que dirigem o futebol, que tem algum poder. Porque a gente aqui, como jornalista, a gente fala, a gente bate, a gente comenta, a gente critica, a gente propõe, porque não adianta também só criticar e não propor novas ideias e sugestões... a gente faz a nossa parte, ou ao menos a gente tenta, mas não é a gente que vai mudar, não é a gente que vai assinar, não é a gente que vai conseguir alguma coisa, a gente faz a nossa parte. Então, tem essa questão que é triste, a gente ver acontecer, e segundo, que os clubes assinaram, não podem reclamar, não só nessa questão como em tudo no futebol, tudo que a gente pensa, que a gente fala, “ah... mas poderia mudar isso, o clube reclama do calendário, o clube reclama daquilo...” (fala dando ênfase à frase) “mas os clubes assinam todos os anos! Os clubes querem mudança, mas aí vai ver pra quem todo mundo votou na última eleição pra presidente da CBF, mudou alguma coisa? Não mudou! Todo mundo foi lá e votou na mesma coisa, mais do mesmo! Então é uma pena, é triste a gente ver o futebol brasileiro, o futebol carioca, que a gente pensa como sendo o mais charmoso do Brasil...” (Clara franze a testa e torce a boca, demonstrando incerteza) “é bem complicado! Então assim, é triste, e a gente não vê perspectiva de mudança, porque quem pode mudar isso” (expressão de decepção) “não tem nenhum interesse e os clubes também não têm nenhum posicionamento, nenhuma vontade”.

Fotograma 4 – Clara Albuquerque



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=M2QLwPUswLQ/>. Acesso: 20 nov. 2020.

RECORTE 4¹²

Data de postagem: 12 nov. 2014

Programa: Esporte No Ar – Esporte Interativo

Tempo do recorte: 1'20"

(Clara comenta sobre a eleição de Eurico Miranda como novo presidente do Clube de Regatas Vasco da Gama).

Clara: (primeiro plano de Clara). “A minha opinião é que o Eurico Miranda é um dirigente do passado, é um dirigente que tem diversos processos judiciais, um dirigente que tem histórico de agressão à mídia, enfim...” (revira os olhos, expressando reprovação) “milhões de processos e isso e aquilo... o torcedor esquece que na época de Eurico, São Januário estava penhorado” (dando ênfase a palavra), “de dívidas, então...” (Clara fala olhando para a câmera, por vezes revezando o olhar para o colega Luis Felipe de Freitas) “o torcedor, claro, quer título. Se você pensar na época do Eurico,...” (plano americano mostrando Clara e o também comentarista Getúlio Vargas Freitas de Oliveira Júnior que demonstra uma expressão facial pensativa) “você vai lembrar de um Vasco que tinha, não no seu fim, mas enfim, um Vasco que tinha títulos e o Eurico chama isso de respeitado, eu acho que na época do Eurico, o Vasco era odiado” (dando ênfase a palavra). “E aí” (primeiro plano de

¹² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=M2QLwPUswLQ/>. Acesso: 20 nov. 2020.

Clara) “eu não digo que era odiado pelo torcedor do Flamengo, que vai ser odiado sempre, é natural, e é um ódio” (faz gesto de aspas com as mãos) “que enquanto ele for saudável e não tenha violência, pra mim, faz parte do futebol. Mas o Eurico é a imagem do dirigente antigo, do futebol antigo, do futebol “do jeitinho”, do futebol do “vamo” contratar mesmo que eu tenha um real, eu vou contratar por cem. Então, pra mim é um retrocesso! Significa que, pra mim, um ou outro candidato era a melhor opção?” (Clara franze a testa e mexe a boca, demonstrando incerteza) “Não sei! Precisava de uma virada?” (Balança a cabeça para a frente, demonstrando afirmação) “Precisava!”

5.1.3 Recortes da narradora Isabelly Morais

Como já citado anteriormente nesta monografia, em 2018 a narradora Isabelly Morais entrou para a história, sendo a primeira mulher a narrar um jogo de futebol pela Copa do Mundo FIFA. A oportunidade se deu após Isabelly ser uma das três finalistas do projeto “Narra quem sabe”, comandado pela jornalista Vanessa Riche, do canal FOX Sports. E a narradora não parou de fazer história, pois nesse ano de 2020, após ser contratada para fazer parte do time de jornalistas esportivos da Band, Isabelly Morais foi a primeira mulher a narrar um jogo de futebol pela TV aberta.

Fotograma 5 - Rússia X Arábia Saudita (Copa do Mundo FIFA 2018)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=roFtmBiKMIQ/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

RECORTE 5¹³**Data de postagem: 15 jun. 2018****Programa: Rodada Fox – Fox Sports****Tempo do recorte: 1'16"**

(O programa Rodada Fox, apresentado pelo jornalista Benjamin Back, reprisa a narração do 5º gol da Seleção da Rússia contra a Arábia Saudita na Copa do Mundo de 2018).

Benjamin: (meio primeiro plano de Benjamin) “Agora, um momento muito legal para a história do jornalismo esportivo brasileiro,” (apresentador gesticula bastante durante a fala) “porque teve a estreia, a abertura da Copa do Mundo, Rússia e Arábia Saudita 5 a 0”. (Apresentador fala olhando para a câmera, por vezes intercalando o olhar para os seus colegas). “E o Fox Sports inovou, porque no Fox Sports 2 você tem a transmissão dos jogos feito por narradoras. Ouçam, é emocionante! “Vamo” ouvir o 5º gol da Arábia Saudita, na voz da Isabelly Moraes. É muito, muito legal! Desculpa, eu falei Arábia Saudita, é o 5º gol da Rússia!” (Aumenta o tom de voz, demonstrando euforia). “Isabelly, narra aí Isabelly!”

Isabelly: (voice over/ off) “O primeiro jogo da Rússia. Tem Golovin na bola. É falta pra equipe da casa. Último lance do jogo, parte Golovin na cobrança”, (ênfase na palavra, aumenta o tom de voz e estende a pronúncia da palavra) “gol! da Rússia!” (Permanece com tom de voz mais alto, demonstrando euforia). “E ele merece, ele merece muito. Duas assistências no jogo, Golovin no último lance, ele não queria sair do Luzhniki sem o dele. Olha aí o Golovin, numa cobrança sensacional!”

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=roFtmBiKMIQ/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

Fotograma 6 – Santos X São Paulo (quartas de final do Campeonato Brasileiro Feminino)



Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=m8QbGR0m0FA/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

RECORTE 6¹⁴

Data de postagem: 1 nov. 2020

Programa: Show do Esporte - Band

Tempo do recorte: 49”

(Narração do primeiro gol da equipe do São Paulo contra o time do Santos pelo Campeonato Brasileiro Feminino).

Isabelly: (voice over/off) “Vem bem a Carol, tenta fazer a ponte. Olha a Jaque, aberta. Dominou, Jaque. Ela contra a marcação, Jaque...” (ênfase no nome e estende a palavra, aumenta o tom de voz e estende a pronúncia da palavra) “Gol! do São Paulo!” (Estende a pronúncia do nome do time). “Pra comemorar muito com a Jaque”. (Fala com convicção). “Ela teve espaço! E olha a participação da Carol, enxergou muito bem. Dominou, Jaque, botou no chão e encheu o pé pra tirar a chance da Michele. Coloca o São Paulo na frente. É decisão no Brasileiro Feminino e o placar tá mudado. Pela primeira vez, num confronto pelas quartas de final, Jaqueline faz 1 para o São Paulo, 0 para a equipe do Santos”.

¹⁴ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=m8QbGR0m0FA/>. Acesso em: 20 nov. 2020.

5.2 ANÁLISE

De forma geral, é perceptível o aumento do número de mulheres no jornalismo e percebe-se uma tentativa de inserção do público feminino no jornalismo esportivo. São poucas as mulheres que conseguem uma posição como comentarista esportiva e esse número é ainda menor quando nos referimos a mulheres narradoras. Alguns canais e emissoras de televisão, como o Fox Sports e a Band, citados anteriormente nesta monografia, destacam-se como pioneiros na criação de programas esportivos que colocam as mulheres como protagonistas e não meras coadjuvantes.

Em 2018, o canal Fox Sports desenvolveu um projeto liderado pela jornalista Vanessa Riche, intitulado “Narra quem sabe”, que contou com mais de 300 mulheres inscritas e teve como objetivo montar um time de narradoras para os jogos da Copa do Mundo FIFA do mesmo ano. Isabelly Moraes, uma das personalidades de estudo desta monografia, foi uma das finalistas do projeto.

Também de forma pioneira, dessa vez em TV aberta, em 2020, a emissora Band montou uma equipe 100% feminina para transmitir o futebol feminino nas tardes de domingo. Iniciativas como essas são fundamentais para reforçar a presença da mulher na cobertura esportiva, que ainda é pequena quando comparada à presença em massa dos homens nesse meio.

Conforme citado no capítulo 2, quando abordou-se o assunto televisão, o jornalismo esportivo se encaixa perfeitamente como infotainment, pois através das personalidades analisadas, percebe-se que as informações são passadas num âmbito descomplicado, lúdico e até divertido, no sentido mais amplo, como em debates em mesas redondas e transmissões de jogos de futebol. O jornalismo esportivo tem linguagem informal e construiu suas próprias características. A análise mostra esta linguagem sendo utilizada pelas jornalistas esportivas.

Pode-se considerar que Ana Thaís, Clara e Isabelly fazem bem o seu papel como comentaristas e narradora respectivamente, pois têm espaço para expressar suas opiniões e sentimentos no momento de fala, apresentando boa desenvoltura ao tratar de futebol.

5.2.1 Análise dos recortes da comentarista Ana Thaís Matos

No primeiro recorte da jornalista esportiva Ana Thaís Matos, a comentarista, que naquela época atuava como repórter esportiva na Rádio Globo/CBN, teve uma das suas primeiras oportunidades na televisão quando foi convidada para participar do programa *Seleção*, do canal de TV por assinatura SportTV. Ana participou da mesa redonda do programa e pôde mostrar seu conhecimento ao lado de grandes nomes como o jornalista André Rizek, o narrador Luís Roberto e o comentarista e ex-jogador de futebol, Juninho Pernambucano.

Além das análises dos jogos, o programa também promove debates sobre temas relacionados ao esporte. E nessa ocasião em específico, o assunto abordado foi a alienação no combate contra o racismo dentro do esporte. A linguagem utilizada é informal, porém não exageradamente. Mas nem sempre foi assim. Nos primeiros anos, os apresentadores e comentaristas usavam terno e gravata e uma linguagem formal. Essa linguagem foi adaptada para conquistar mais audiência, a partir de uma pretensa identificação com o público, em especial os mais jovens.

Como dito anteriormente, Ana iniciou na área esportiva como estagiária na redação do jornal esportivo *Lance!* Com sede no Rio de Janeiro, o jornal acompanha os principais times do país e conta com versões regionais para outros estados. Com isso, obtêm alcance nacional. O jornal também está presente na internet com conteúdos multimídia.

A partir disso, pode-se refletir sobre a citação de Coelho (2004), no capítulo 3. Sua opinião é que mulheres que chegam nas editorias esportivas, iniciam em coberturas de esporte amador, que são considerados mais fáceis de entender do que outros esportes, como o futebol. Levando-se em consideração a opinião do autor, Ana faz parte de uma minoria, pois a jornalista teve sua primeira oportunidade como comentarista em um jornal com alcance nacional e acompanha os clubes profissionais da Série A do Brasileirão.

Com as suas opiniões e os seus argumentos contundentes, a jornalista valida que para atuar como comentarista esportiva, é preciso conhecimento profundo sobre a área. Somente dessa maneira é possível dar uma explicação técnica sobre futebol e assuntos que rodeiam esse meio.

Durante a análise dos comentários feitos pela jornalista, percebe-se que sua opinião é solicitada pelo apresentador e supostamente respeitada pelos colegas. Isso fica claro no primeiro recorte, quando o apresentador André Risek leva a mão ao

queixo e apoia o cotovelo sobre a mesa, demonstrando prestar atenção no que Ana fala. E quando seus colegas batem palmas para ela, concordando com o que ela diz.

O que talvez não fique tão explícito, mas que é possível perceber nas entrelinhas, é que ao chamar a comentarista de “Aninha” no final da sua fala, o apresentador está, de forma sutil, diminuindo a colega, colocando-a em segundo lugar. E ao baterem palmas para Ana, os homens presentes no estúdio passam a mensagem de que validam o que a mulher fala, deixando a comentarista até constrangida. Conforme citado no capítulo 4, os homens, muitas vezes, ficam surpresos quando uma mulher demonstra conhecimento em uma área dominada por eles. “É mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre futebol e automobilismo. Territórios onde o machismo ainda impera” (COELHO, 2004, p.35).

Quando se refere à beleza como aliada das jornalistas, Ana é discreta. Nos recortes analisados, a comentarista usa maquiagem leve e acessórios que não chamam a atenção. Suas roupas são confortáveis. No primeiro vídeo analisado, a comentarista vestiu calça e camiseta e no segundo vídeo, uma “jardineira” sobreposta a uma blusa de manga comprida.

Nos recortes analisados percebe-se que a fala da comentarista é colocada de forma improvisada, expressando sua opinião de forma natural. Ana fala olhando diretamente para o apresentador, por poucas vezes intercalando o olhar para a câmera, mostrando que está fazendo um comentário sem um *script* programado. A comentarista se impõe diante das câmeras, com desenvoltura e boa dicção, mostrando personalidade em seu discurso. Nos dois recortes, a comentarista utiliza muito a gesticulação para se expressar, principalmente para afirmar suas opiniões sobre os assuntos. O tom de voz se mantém firme e seguro, passando credibilidade à fala.

Repara-se, no primeiro recorte, quando jornalista traz como exemplo o caso do goleiro Aranha, que sofreu preconceito por parte da torcida ao ser chamado de ‘macaco’, que a comentarista está “atenada” no que acontece no mundo do futebol. Isso vai ao encontro ao que Bahia (1990), no capítulo 3, explica: que o papel do jornalista é, principalmente, reunir, verificar os fatos e manter-se sempre atualizado.

No segundo recorte, mais uma vez Ana se posiciona de maneira firme ao comentar a reação dos clubes sobre o caso da blogueira Mariana Ferrer, que teve

aclamação nacional. A comentarista pediu ações práticas dos clubes, para que esse problema da violência contra a mulher seja tratado “na raiz” pelas bases.

Considera-se, através dessa análise, que a comentarista Ana Thaís Matos demonstra boa *performance* em suas atuações. Porém, com o endeusamento reproduzido pelos homens ao se reportarem ao que a colega fala, efeito do preconceito estrutural presente na sociedade, consegue-se constatar que, de fato, o lugar das mulheres ainda não está bem colocado na sociedade e nem nos programas televisuais esportivos.

5.2.2 Análise dos recortes da comentarista Clara Albuquerque

Clara Albuquerque fez parte do time de comentaristas do programa Esporte No Ar do canal Esporte Interativo, de 2013 a 2017. O programa, além de reprisar os melhores lances dos jogos, trata de assuntos relevantes no meio do futebol.

A comentarista usa roupas confortáveis e maquiagem leve. No seu discurso, a primeira impressão é de uma mulher que se impõe na esfera masculina e quem tem o seu trabalho reconhecido, porém, se analisarmos com maior profundidade, principalmente no recorte 3, nota-se que todo seu comentário tem um tom de súplica. Clara parece dar conselhos aos clubes sobre as mudanças que precisam ser feitas no futebol brasileiro. Os colegas que estão presentes no estúdio, por sua vez, permanecem neutros, sem demonstrar concordância com o que a colega fala.

Esse tipo de debate se encaixa no gênero de infotainment, conforme Caparelli (2004), citado no capítulo 3: os programas de televisão se esforçam ao máximo para prender a atenção dos telespectadores e na pauta esportiva não é diferente. Mesmo para tratar de assuntos polêmicos, o formato dos programas e a performance dos apresentadores atuam no sentido de contar histórias de um modo atraente.

No recorte 4, Clara demonstra conhecimento sobre o time do Vasco da Gama, trazendo à tona episódios do passado, que aconteceram na gestão do presidente Eurico Viana. Ilustra o que Beltrão (1980) fala no capítulo 3, que a função do jornalista é informar e orientar as populações de uma região determinada e de todo mundo, gerando opiniões a partir do conhecimento dos fatos.

A linguagem utilizada pela jornalista é informal e percebe-se que ela realiza os comentários de forma improvisada, expressando a sua opinião. Isso mostra que, de

certa forma, as mulheres, aos poucos, estão ganhando espaço no jornalismo esportivo, também como formadoras de opinião. Isso vai ao encontro da afirmação do autor Juarez Bahia (1990), citada no capítulo 3, quando ele declara que é atribuição do jornalista assumir o papel de intermediário da sociedade, conduzindo a comunidade, direta ou indiretamente, a envolver-se mais ativamente na vida social.

O tom de voz utilizado pela comentarista em ambos os recortes é um fator que demonstra desconforto, pois ela parece elevar o tom da voz para se impor. Além disso, Clara utiliza a gesticulação incisivamente para se expressar. Todo o tom é imploratório – voz, gestos, texto.

5.2.3 Análise dos recortes da narradora Isabelly Moraes

Com apenas 22 anos de idade, Isabelly Moraes vem fazendo história na televisão brasileira. Conforme citado anteriormente, em 2018 a jornalista foi a primeira mulher a narrar um jogo de futebol da Copa do Mundo FIFA. O recorte 5 ilustra esse episódio quando o programa Rodada Fox, apresentado pelo jornalista Benjamin Back, reprisa o quinto gol da Seleção da Rússia contra a Arábia Saudita.

O apresentador demonstra euforia ao chamar a reprise do gol, narrado pela jornalista. Quase como um evento, ele aumenta o tom de voz e quando fala “Isabelly, narra aí Isabelly”, ao chamar a reprise, está de certa forma autorizando a mulher a narrar, como se para valorizar o trabalho da mulher o homem precisasse, antes disso, aprová-lo.

Os dois recortes da narradora categorizam-se como infotainment. Como citado no capítulo 2, infotainment é sinônimo do jornalismo que fornece informação, prestação de serviço e, ao mesmo tempo, divertimento ao telespectador, ou seja, uma fusão de jornalismo com entretenimento.

A *performance* da narradora demonstra segurança e boa dicção em ambos os trechos selecionados para análise. Além de fazer a narração, Isabelly manifestou que que estudou previamente os times e as regras do futebol. Isso fica nítido quando a narradora faz comentários sobre o número de assistências que o jogador da Seleção da Rússia faz no jogo, ou quando ela comenta sobre o posicionamento da atacante Jaqueline, do time do São Paulo.

O tom de voz utilizado por Isabelly é grave. Por vezes, a narradora parece desejar se aproximar do tom dos narradores homens. Talvez por não existirem muitas referências de mulheres narrando futebol, a jornalista encontra dificuldades em desenvolver uma personalidade própria. De qualquer maneira, os jogos narrados por Isabelly passam a ser espetáculos, conforme citado no capítulo 2 pelo autor Mario Vargas Llosa (2013), que defende que a civilização do espetáculo é a civilização de um mundo que tem como ideal o entretenimento, onde o objetivo é divertir-se e escapar do tédio.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornalismo foi se adaptando ao longo dos anos e hoje está presente em todos os veículos de comunicação. O jornalismo esportivo demorou um pouco mais para conquistar o seu espaço. Em torno de muitas discussões sobre se esta área prosperaria ou não no Brasil, o jornalismo esportivo aos poucos conquistou seu público.

E foi para contar essas histórias que a pesquisadora definiu esse tema para desenvolver sua monografia. Falar sobre a inclusão da mulher em um mercado de trabalho ainda dominado por homens despertou ainda mais interesse. Deseja-se compreender e identificar os motivos que levam as mulheres a serem inferiorizadas nessa área. Com base nessas considerações, formou-se a questão norteadora desta monografia: como se configura o espaço para as mulheres narradoras e comentaristas esportivas na televisão?

Mediante a realização de todos os processos para a execução deste trabalho, desde o referencial teórico até os métodos presentes, foi possível refletir sobre o alcance ou não do problema de pesquisa e dos objetivos pretendidos. Referente à questão norteadora, pode-se afirmar que foi respondida de forma satisfatória.

A primeira hipótese estabelecida para este trabalho monográfico se refere ao crescimento da participação das mulheres no jornalismo esportivo, destacando-se como narradoras e comentaristas, funções antes consideradas apenas como masculinas. Essa hipótese é comprovada parcialmente, pois há um crescimento da inserção da mulher no meio esportivo, como é o caso das três personalidades estudadas, que conseguiram conquistar o seu espaço e atuar como comentaristas e narradoras. Porém, esse crescimento ainda é muito pequeno, são poucas as mulheres que desempenham essas funções, como citado no capítulo 3.

Outra hipótese levantada pretende comprovar ou não se as causas feministas auxiliaram as mulheres a conquistar seus espaços, e também, se na área do jornalismo esportivo tiveram consequências positivas. Através do conteúdo exposto no capítulo 4, esta hipótese é comprovada pela pesquisadora. O estudo é dedicado à história da luta das mulheres para conquistar o seu lugar na sociedade e, principalmente, no mercado de trabalho. A mulher está deixando de ser vista apenas como dona-de-casa e sua função vai passando a ser o que “ela quer que seja”. O público feminino entrou na área esportiva como também entrou em outras áreas

consideradas do âmbito masculino. E as mulheres aos poucos estão sendo reconhecidas nestas áreas.

A terceira hipótese diz respeito ao preconceito de gênero sofrido pelas mulheres dentro do jornalismo esportivo, levando à desvalorização do seu trabalho. Essa hipótese é comprovada pela pesquisadora. Mesmo atuando de forma velada, o preconceito de gênero ainda existe na área do jornalismo esportivo. Isso fica claro no capítulo 4, quando se menciona que a maior parte das mulheres é primeiramente encaminhada para editorias de esportes amadores, tendo o seu potencial desprezado para o futebol, em especial.

A quarta hipótese levantada tem o intuito de identificar se a área do jornalismo esportivo de televisão ainda é, na sua grande maioria, dominada por homens, sobrando pouco espaço para as mulheres atuarem. E se quando atuam, seu papel é secundário. Pode-se afirmar que essa hipótese é confirmada pela pesquisadora. Conforme citado no capítulo 4, o âmbito do jornalismo esportivo televisivo ainda é dominado por homens. São poucas as mulheres que conseguem conquistar o seu espaço e ganhar destaque nessa área, apesar do progresso demonstrado pela pesquisa.

A última hipótese propõe que no jornalismo esportivo televisivo a mulher não tem o mesmo espaço para comentar os jogos, se comparado ao de seus colegas homens. Neste caso, a pesquisadora também comprova essa afirmação. Com base no capítulo 5 e levando-se em conta os casos estudados e a decupagem das falas, a opinião das mulheres é menos solicitada do que a dos seus colegas e, quando solicitada, essa opinião de alguma forma precisa ser aprovada por eles.

Sobre os objetivos estipulados nesta monografia, partiu-se de um geral: entender os processos de inserção da mulher no jornalismo esportivo televisivo e identificar o trabalho feito por elas, atualmente, como narradoras e comentaristas. Através do estudo realizado, o objetivo foi alcançado. As mulheres iniciam, normalmente, acompanhando o esporte amador e aos poucos vão conquistando os seus espaços como apresentadoras, repórteres, comentaristas e narradoras. Em sua maioria, optam por ser apenas apresentadoras ou repórteres, talvez por ser um caminho mais fácil. Poucas ousam atuar como comentaristas e narradoras, área onde o preconceito de gênero é ainda maior.

Quanto aos objetivos específicos, o primeiro foi conhecer a história da televisão no Brasil para entender como surgiu o jornalismo esportivo televisivo. Este objetivo foi

totalmente atingido, visto que se fez uma longa descrição e reflexão sobre a história da televisão e o surgimento do Jornalismo Esportivo no capítulo 3.

Outro objetivo significativo para essa pesquisa foi analisar a história da inserção da mulher no jornalismo esportivo de televisão. Este objetivo foi alcançado através de uma vasta pesquisa bibliográfica, desde que as mulheres conquistaram o direito de entrar no mercado de trabalho e dispuseram de leis voltadas especificamente para elas, até suas conquistas em áreas consideradas de âmbito masculino. A chegada ao jornalismo esportivo se deu de forma lenta e preconceituosa, mas hoje veem-se mulheres se impondo nessas áreas e lutando, ainda, por igualdade.

O terceiro objetivo foi compreender a importância do papel da mulher dentro do jornalismo esportivo e em especial, na narração e comentários de jogos. Através da aplicação dos métodos, este objetivo foi alcançado. Identifica-se nos recortes analisados, que as jornalistas têm a importante função de formadoras de opinião, quando atuam como comentaristas ou narradoras.

Um objetivo importante foi conhecer a história e as conquistas do movimento feminista. Este objetivo foi alcançado através de uma pesquisa bibliográfica, que contou as fases deste movimento, desde o momento em que as mulheres conquistaram o seu direito de voto, até a inserção delas no mercado de trabalho.

Quanto ao objetivo que busca conhecer a história do jornalismo esportivo na televisão brasileira, foi totalmente atingido, já que foi realizada a pesquisa bibliográfica que contou a história do jornalismo esportivo na televisão brasileira no capítulo 3.

Outro objetivo foi compreender a questão do preconceito quanto ao conhecimento das mulheres em relação ao futebol. Esse objetivo foi atingido. Conforme as reflexões do capítulo 4, compreende-se que o machismo é uma condição estrutural na sociedade.

O último objetivo específico proposto pela pesquisadora foi o de observar se a participação dos comentaristas de diferentes sexos acontece de forma igualitária. Com a análise dos recortes escolhidos, observa-se que os comentaristas são solicitados de forma igualitária, dando-lhes tempo indeterminado de fala, ou seja, o tempo de fala de cada comentarista vai depender exclusivamente do tempo que ele leva para expressar a sua opinião. Nos trechos selecionados, é possível notar também que em nenhum momento as mulheres foram interrompidas por seus colegas.

Desse modo, respondendo à questão norteadora: como se configura o espaço para as mulheres narradoras e comentaristas esportivas na televisão? Compreende-

se que, aos poucos, as mulheres estão conquistando o seu espaço também na área esportiva. As mulheres lutaram e ainda lutam por seus direitos de igualdade de tratamento em relação aos homens. Mas ainda assim, como citado no capítulo 4, na área esportiva vários casos de preconceito são vistos e relatados pelas mulheres. Talvez isso se deva ao receio de que uma área, antes dominada por homens, seja “tomada” pelas mulheres. E elas, quando querem mostrar trabalho e conhecimento não medem esforços para isso, como já observado anteriormente nessa monografia, sobre o Movimento Feminista (capítulo 4) ao longo dos anos.

É lamentável saber que em pleno século XXI ainda exista desigualdade de gênero, mas é importante abordar o assunto para que as pessoas entendam que esse preconceito sobrevive, mesmo ocorrendo de forma velada.

Esta pesquisa tem o propósito de instigar mulheres a continuarem lutando pelos seus objetivos e incentivarem outras a prosseguirem falando sobre o tema, que precisa ser sempre discutido. Objetiva, também, demonstrar a importância de que estudantes de jornalismo e profissionais tenham mais consciência a respeito da questão de gênero, em especial quando estiverem atuando em veículos de comunicação.

Observa-se que, muitas vezes, não há exatamente má intenção ao se fazer um comentário que, à primeira vista, até pode parecer elogioso à mulher, mas, ao aprofundar-se o discurso, o que se percebe é, uma vez mais, o preconceito puro e simples. Ao jornalista, em especial, manter-se nessa condição inconsciente em relação ao preconceito pode trazer consequências desastrosas. Esta monografia serve também como um alerta.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica**. São Paulo: Ática, 1990.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa, Portugal: Edições 70, 2000.
- BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo interpretativo: filosofia e técnica**. 2ª ed. Porto Alegre: Sulina, 1980.
- BELTRÃO, Luiz. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. São Paulo: Edusp, 1992.
- BETTI, Mauro. **A Janela de Vidro: esporte, televisão e educação física**. Campinas, SP: Papirus, 1998.
- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira**. São Paulo: Summus, 2009.
- BUCCI, Eugênio. **Brasil em tempo de TV**. São Paulo: Boitempo Editorial, 1996.
- CALDAS, Álvaro. **Deu no jornal: o jornalismo impresso na área da Internet**. São Paulo: Loyola, 2002.
- CAPARELLI, Sérgio; LIMA, Venício A. de. **Comunicação e televisão: desafios da pós-globalização**. São Paulo: Hacker, 2004.
- COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo, SP: Contextos, 2ªed., 2004.
- COSTELLA, Antonio. **Comunicação – Do Grito ao Satélite**. São Paulo: Mantiqueira, 1984.
- DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DJAVITE, Fabia Angélica. **INFOtenimento: Informação + entretenimento no jornalismo**. São Paulo: Paulinas, 2006.
- FERRARETO, Luiz Artur. **Rádio: o veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.
- GOMES, W. (2009). **Jornalismo, fato e interesse: o fato como problema**. In W. Gomes. **Jornalismo fatos e interesses: ensaios de teorias do jornalismo**. Florianópolis: Insular.
- GUERRA, Márcio de Oliveira. **Você, ouvinte, é a nossa meta**. Rio de Janeiro: UFRJ/ECO, Editora ETC, 2000.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- KNIJNIK, Jorge Dorfman. **A mulher brasileira e o esporte: seu corpo, sua história**. São Paulo: Mackenzie, 2003.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LLOSA, Mario Vargas. **A civilização do espetáculo: uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

- MACHADO, Arlindo. **A arte do Vídeo**. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- MACHADO, Arlindo. **Máquina e Imaginário: O Desafio das Poéticas Tecnológicas**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1993.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão**. São Paulo: Scipione, 1994.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão: a vida pelo vídeo**. 13ª Edição. São Paulo: Editora Moderna, 1988.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Ser jornalista: A linguagem como barbárie e a notícia como mercadora**. São Paulo: Paulus, 2009.
- MATTOS, Sérgio. **História da televisão brasileira: uma visão econômica, social e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- MELO, José Marques de. **Comunicação: Teoria e Política**. São Paulo: Sammus, 1985.
- MELO, José Marques. **Comunicação e Modernidade: O ensino e a pesquisa nas escolas de comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 1991.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. São Paulo: Hucitec, 2004.
- PATERNOSTRO, Vera Iris. **O Texto na TV: manual de telejornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- PEREIRA, Lamartine. Esportes – **Biblioteca Educação e Cultura**. Rio de Janeiro: Bloch; Brasília: Ministério da Educação e Cultura; Ministério das Minas e Energia, 1980.
- RIBEIRO, André. **Os donos do espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil**. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.
- ROSSI, Clovis. **O que é jornalismo**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- ROCHA, Everardo. **Cultura & Imaginário: interpretação de filmes e pesquisa de ideias**. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- RODRIGUES, Maria Socorro Pereira; LEOPARDI, Maria Tereza. **O método de análise de conteúdo: uma versão para enfermeiros**. Fortaleza: Editora Gráfica LCR, 1999.
- SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano: Da cultura das mídias à cibercultura**. São Paulo: Paulus, 2003.
- SAFFIOTI, Heleieth. **O Poder do Macho**. São Paulo: Editora Moderna LTDA, 1988.
- SIQUEIRA, Denise da Costa Oliveira. **A ciência na televisão: mito, ritual e espetáculo**. São Paulo: Annablume, 1999.
- SOARES, Edileuza. **A bola no ar: o Rádio Esportivo em São Paulo**: Summus, 1995.
- SOUZA, José Carlos Aronchi. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

SUPLICY, Marta. **Condição da Mulher: Amor, paixão, sexualidade.** São Paulo: Brasiliense, 1984.

VARGAS LLOSA, Mario. **A civilização do espetáculo: Uma radiografia do nosso tempo e da nossa cultura.** Tradução Ivone Benedetti. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

TRAQUINA, Nélon. **Teorias do jornalismo: uma comunidade interpretativa transicional.** Florianópolis: Insular, 2005. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5537285/mod_resource/content/1/teorias-do-jornalismo-vol-2-nelson-traquina.pdf

OLIVEIRA, Giordano Bruno de Medeiros e. **Da emoção à interação: história das transmissões esportivas na televisão brasileira.** 2015. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2015/resumos/R10-1885-1.pdf>. Acesso: 28 set. 2020.

SILVA, Gislene. **Imaginário coletivo: estudos do sensível na teoria do jornalismo** Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, vol. 17, núm. 3, septiembre-diciembre, 2010, pp. 244-252 Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul Porto Alegre, Brasil. Disponível em: http://compos.com.puc-rio.br/media/gt9_gislene_silva.pdf/.

SITES UTILIZADOS

<<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/tv-mulher.htm>>

<<https://portal.comunique-se.com.br/fox-sports-prova-que-lugar-de-mulher-e-na-copa-copa-do-mundo/>>

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Ana_Tha%C3%ADs_Matos>

<<http://www.claraalbuquerque.com.br/>>

<<https://www.significados.com.br/veracidade/>>

<<https://www.portaldosjornalistas.com.br/>>

<<https://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf/>>

<<https://www.infoescola.com/comunicacao/surgimento-da-imprensa/>>

<<https://www.significados.com.br/>>

<<https://www.primeirofilme.com.br/site/o-livro/enquadramentos-planos-e-angulos/>>

<<https://globoesporte.globo.com/sportv/programas/selecao-sportv/video/ana-thais-matos-comenta-protesto-de-hyuri-do-atletico-go-e-caso-mariana-ferrer-8995627.ghtml>>

<https://www.youtube.com/watch?v=BkEu1_zA3Qg>

<<https://www.youtube.com/watch?v=tgGYNuYI59M&t=115s>>

<<https://www.youtube.com/watch?v=2ScZGTCqwc4>>

< <https://www.youtube.com/watch?v=M2QLwPUswLQ>>

< <https://www.youtube.com/watch?v=roFtmBiKMIQ>>

< <https://www.youtube.com/watch?v=m8QbGR0m0FA>>

ANEXO A – PROJETO – MONOGRAFIA I

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

CARINE LUANA DO AMARAL

**JORNALISMO ESPORTIVO E A MULHER: UMA ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA
DE NARRADORAS E COMENTARISTAS NA TELEVISÃO BRASILEIRA**

CAXIAS DO SUL

2019

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

CARINE LUANA DO AMARAL

**JORNALISMO ESPORTIVO E A MULHER: UMA ANÁLISE SOBRE A PRESENÇA
DE NARRADORAS E COMENTARISTAS NA TELEVISÃO BRASILEIRA**

Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para a aprovação
na disciplina de Monografia I.

Orientadora: Prof.^a. Me. Marliva Vanti
Gonçalves

CAXIAS DO SUL

2019

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 TEMA	12
2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA	12
3 JUSTIFICATIVA	13
4 QUESTÃO NORTEADORA	16
5 HIPÓTESES	17
6 OBJETIVOS	18
6.1 OBJETIVO GERAL.....	18
6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	19
7 METODOLOGIA	20
7.1 PESQUISA QUALITATIVA.....	20
7.1.1 Pesquisa Bibliográfica.....	20
7.1.2 Análise de Conteúdo.....	21
8 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	23
8.1 TELEVISÃO.....	24
8.2 JORNALISMO ESPORTIVO.....	24
8.3 CULTURA.....	24
8.4 IMAGINÁRIO.....	24
8.5 FEMINISMO.....	25
8.6 MÉTODO.....	25
9 ROTEIRO DOS CAPÍTULOS	25
10 CRONOGRAMA	26
REFERÊNCIAS	27

1. INTRODUÇÃO

A televisão começou a se expandir rapidamente após o final da Segunda Guerra Mundial, chegando ao Brasil em 1950, trazida por Francisco de Assis Chateaubriand Bandeira de Mello, fundador da TV Tupi, primeiro canal de televisão no país. Chateaubriand (1892-1968) foi jornalista, empresário e político brasileiro. Era dono dos Diários Associados, a maior rede de comunicação do país, entre as décadas de 1930 e 1960.

A história da TV é marcada por fases. À fase de experimentação da TV, ao vivo, Marcondes Filho (1988, p.43) denominou de “rádio televisionado”. Os profissionais eram provenientes do rádio, do cinema e do teatro. Já Sérgio Mattos (2010 p.86) denomina de “Fase Elitista” a primeira fase da inserção da TV no Brasil que, segundo ele, ocorreu de 1950 até 1964, pois nessa época o aparelho de televisão era muito raro e poucas pessoas o possuíam.

Em 1960 a televisão recebeu um grande impulso com a chegada do videoteipe¹⁵, que possibilitou as novelas diárias, a partir da possibilidade de gravação dos capítulos, e da implementação de uma estratégia de programação horizontal. Para Mattos (2010), a veiculação de um mesmo programa em vários dias da semana criou o hábito de assistir televisão rotineiramente, prendendo a atenção do telespectador. Foi nessa época que a televisão se consolidou no Brasil, como um meio de comunicação para grandes massas.

No período de 1964 até 1975 ocorreu a segunda fase da televisão, que é denominada por Mattos (1990, p.8) como “Populista”, quando a televisão era considerada um exemplo de modernidade. Nesse período, o país iniciou a execução das obras de ampliação e modernização do sistema de telecomunicações, criando a infraestrutura que permitiu o surgimento e a expansão das redes de televisão, que passaram a ter influência de abrangência nacional na promoção e venda de bens de consumo em larga escala.

¹⁵ Videoteipe: Fita magnética usada para a gravação de sons e imagens de televisão. Disponível em: <https://www.portalsaofrancisco.com.br/historia-geral/historia-do-vt/> Acesso: 25 nov. 2019.

Foi em 1972, ao final desse período, a primeira transmissão em cores. A Festa Nacional da Uva, de Caxias do Sul (RS), foi transmitida pela TV Difusora, de Porto Alegre. Nos anos de 1964 a 1985, ocorreu a ditadura militar no Brasil, quando os militares passaram a controlar e a censurar os meios de comunicação. Conforme Mattos (2010), a censura aos veículos de comunicação, principalmente na televisão, durante o Regime Militar, além de facilitar a manipulação da opinião pública limitou o crescimento da produção do próprio veículo, castrou a criatividade e levou à autocensura, que passou a ser adotada pelas próprias emissoras que constituíram seus departamentos de autocensura e controle de qualidade.

A terceira fase, de acordo com Mattos (2010, p.110), ocorreu entre 1975 e 1985 e ficou conhecida como “Desenvolvimento Tecnológico”. Esta fase foi marcada pela perda gradual da hegemonia dos militares e pelo desenvolvimento da televisão brasileira, que começou a produzir seus próprios programas, substituindo os importados. Além disso, a indústria brasileira passou a empregar seu próprio formato e tecnologia de produção, diminuindo drasticamente a influência que os norte-americanos exerciam sobre a produção televisiva.

Já a quarta fase abrangeu os anos de 1985 a 1990 e foi chamada por Mattos (2010 p. 123) de “Fase de Transição e da Exploração Internacional”. Esse período destacou-se pela transição política e pela Constituição de 1988, que proibiu a censura e determinou a aprovação das concessões pelo Congresso Nacional. Além do aumento da competitividade entre as grandes redes de televisão, alcançando uma maior maturidade técnica e empresarial, num contínuo avanço em direção ao mercado internacional.

Mattos (2010, p. 131) ainda afirma que após estas quatro etapas deram início à “Fase da globalização e da TV paga” que ocorreu nos anos de 1990 a 2000. Nessa fase, houve a inserção de canais por assinatura, contribuindo para o processo de globalização. Com o avanço da televisão, o mundo inteiro passou a ser interligado, mas apenas com o surgimento da internet ocorreu esta integração de forma mais efetiva. Segundo o autor, em maio de 2000, o governo brasileiro inaugurou a primeira etapa da internet de alta velocidade no país, com capacidade para ser 77 vezes mais rápida que a atual, àquela época.

A partir de 2010, com o desenvolvimento tecnológico, o cenário das comunicações sofreu uma significativa mudança estrutural, devido ao surgimento de um ambiente de convergência midiática. A convergência permitiu uma mudança na relação entre as redes de produtores e transmissores de conteúdo com os prestadores de serviço. Com a convergência digital, os telefones celulares passaram a ser usados não somente para transmissão e recepção de voz, como também para acessar a internet, verificar e-mails, assistir programas de televisão, ouvir emissoras de rádio, além de armazenar conteúdos e dados. Neste caso, o usuário assume o papel de receptor, transmissor e fonte de informações, rompendo alguns paradigmas da comunicação.

As emissoras sentiram a necessidade de replanejar o horário dos seus programas, levando em conta a preferência do público pelos gêneros transmitidos em determinados períodos do dia. Sendo assim, ficou mais fácil classificar os programas por categorias. Para Souza (2004), a classificação dos programas da televisão brasileira é dividida em cinco categorias: entretenimento, informação, educação, publicidade e outros.

Para Kaminsky (apud SOUZA, 2004), a categoria e o gênero devem fazer parte da mesma análise. O autor define a palavra gênero como 'ordem'. Com base nisso, as categorias e gêneros dos programas da televisão brasileira são:

- f) Categoria entretenimento: auditório, colunismo social, culinário, desenho animado, docudrama, esportivo, filme, *game show*, humorístico, infantil, interativo, musical, novela, *quis show*, *reality show*, revista, série, *sitcom*, *talk show*, teledramaturgia, variedades, *western*.
- g) Categoria informação: debate, documentário, entrevista, telejornal.
- h) Categoria educação: educativo, instrutivo.
- i) Categoria publicidade: chamada, filme comercial, político, sorteio, telecompra.
- j) Categoria outros: especial, eventos, religioso.

Um mesmo programa pode conter dois gêneros ou mais, o que é chamado de hibridismo. Segundo Souza (2004), o gênero de um programa associa-se diretamente a um formato. Para o autor, o formato de um programa pode apresentar-se de maneira combinada, a fim de reunir elementos de vários gêneros e, assim, possibilitar o surgimento de outros programas. Entende-se, então, que 'formato' está sempre

associado a um 'gênero', assim como 'gênero' está diretamente ligado a uma 'categoria'. Dessa maneira, a TV busca alcançar todos os públicos.

Com a convergência, o entrelaçamento entre as categorias, gêneros e formatos aumentou. Segundo Dejavite (2006), o termo "infotainment", espécie de nova categoria que transitava entre a informação e o entretenimento, surgiu na década de 1980, mas ganhou força no fim dos anos 1990, quando passou a ser empregado por profissionais e estudiosos da área da comunicação como sinônimo de jornalismo que fornece informação, prestação de serviço e, ao mesmo tempo, divertimento ao telespectador, ou seja, uma fusão de jornalismo com entretenimento. Outro fator preponderante no jornalismo de infotainment são as imagens. Elas se fortalecem porque "o público está acostumado, principalmente depois do sucesso da televisão e agora com a internet, a aceitar a notícia de melhor montagem cênica" (DEJAVITE, 2006, p. 68).

Para Martino (2009, p.155), o infotainment é uma "articulação estética para tornar informações reais agradáveis e fáceis de ser compreendidas ou mesmo borrar a fronteira entre informação e entretenimento, passando mensagens sérias ao lado de atrações mais leves". Conforme Marcondes Filho (2002, p.84, grifos do autor), não basta mais informar-se sobre o mundo, é preciso surpreender-se com ele: "as cenas filmadas devem transmitir a dor, a desolação, a tristeza; mas também imagens de trabalho, solidariedade, luta, nada é proibido [...] proibidas são as imagens monótonas, 'sem vida' paradas, assentadas".

A partir disso, diversos programas passaram a ser caracterizados como infotainment. Um exemplo são os programas de esportes, definidos assim por mostrar os jogos e competições que entretêm o público e passam informações sobre os mesmos. Segundo Coelho (2004), quando o jornalismo esportivo surgiu no Brasil no início do século XX, gerou muitas dúvidas e preconceitos. Para o autor, o jornalismo esportivo passou muitos anos enfrentando as incertezas de um dia ter um espaço só seu nos jornais. Com o preconceito que existia, não se acreditava que a editoria de esportes pudesse estampar sequer uma capa.

O primeiro evento esportivo transmitido no Brasil foi em 1950. A TV Tupi veiculou a partida entre Palmeiras e São Paulo, no estádio do Pacaembu. Esse acontecimento favoreceu que outras emissoras do país tivessem em suas grades,

programas com conteúdo esportivo, como o “Mesa Redonda”, de 1954, na TV Record. De acordo com Ribeiro (2007, p.158), o programa “Mesa Redonda” foi o precursor ao promover debates esportivos na televisão aos finais de semana, formato utilizado até os dias atuais. O programa era apresentado por Geraldo José de Almeida e Raul Tabajara, com transmissões ao vivo das partidas de futebol. E em 1962, na Copa do Mundo do Chile, os brasileiros tiveram a oportunidade de assistir aos jogos da Seleção Brasileira, em um momento inédito na televisão do país.

A televisão, num espaço curto de tempo, começou a se desenvolver não somente para apresentar um evento esportivo, mas também para torná-lo um verdadeiro espetáculo, no qual o telespectador se aproxima das emoções vividas e tem a melhor percepção dos diferentes lances. A TV “seduz” o receptor, não somente informando, mas entretendo o indivíduo, apropriando-se das possibilidades apreciadas pelo espectador. “A televisão busca fascinar os interesses das pessoas e para isso, mexe com elementos do inconsciente psíquico, recalques, desejos, fantasias, sem, contudo, levar às experiências e vivências reais, mas sim, indiretas, vive-se a emoção dos outros” (BETTI, 1998, p.37). Neste contexto, o esporte oferece uma série de elementos que podem e comumente são apropriados pela televisão para a construção do que é transmitido. Os atletas e suas vidas, os eventos e seus desdobramentos, questões financeiras, que envolvem o esporte e as modalidades esportivas, são potenciais assuntos para o infotainment na TV.

O futebol, no Brasil, é o esporte preferido das massas e está fortemente enraizado em nossa cultura. De acordo com Pereira (1980), o esporte é usado principalmente para obter a audiência da população, que busca uma forma de se distrair e até esquecer os problemas do cotidiano. Visto que o jornalismo esportivo estava tendo rendimento, as emissoras começaram a disputar a audiência dos programas esportivos. “E o esforço da TV para concentrar a atenção dos telespectadores no esporte vendeu muito bem em termos de audiência” (CAPARELLI, 2004, p. 157). Com a audiência crescendo, o jornalismo precisou aprimorar os profissionais da área para passar as notícias relacionadas ao esporte à população.

Uma pesquisa divulgada pela Federação Nacional dos Jornalistas (apud Bergamo, 2013) aponta que as mulheres jornalistas apresentam-se como a maioria nas redações, com 64%. Porém, nos editoriais de esporte seguem como minoria. Isso

se deve ao preconceito que as mulheres sofrem. A área esportiva e, em especial, quando a referência é o futebol, ainda pode ser considerada de âmbito masculino.

Para Coelho (2004), as dificuldades na carreira do jornalista esportivo vão muito além do salário que deixa a desejar. Há menos vagas no mercado e cada dia é mais concorrido que o anterior. Segundo o autor, homens e mulheres devem ter as mesmas oportunidades, o que não se pratica em grande parte das editorias do país. Menos ainda na de esportes. “Pode-se dizer que essas redações tem 10% de mulheres, e é sempre visto como algo curioso uma mulher que parece entender de esportes” (COELHO, 2004, p.35).

O profissional que demonstra conhecimento dos fatos tem que ser respeitado e reconhecido. O que nem sempre acontece quando é uma mulher falando de esportes, principalmente futebol. Mas foi nas décadas de 1960 e 1970 que o feminismo teve mudanças satisfatórias em relação ao reconhecimento da mulher no mercado de trabalho.

Segundo Safiotti (1988, p.8), nos Estados Unidos e na Europa houve grandes discussões sobre a liberdade das mulheres, o que deu início ao movimento feminista em 1960. No EUA, a “queima de sutiãs” foi um dos primeiros atos públicos que questionavam o “padrão de beleza” imposto pela sociedade. A repercussão abriu uma discussão sobre a liberdade feminina e em torno do conceito de gênero, ficando clara a discriminação existente contra a mulher. “A sociedade delimita com bastante precisão, os campos em que pode operar a mulher, da mesma forma como escolhe os terrenos em que pode atuar o homem”.

Ainda segundo a autora, no Brasil, os movimentos feministas começaram a se organizar durante a década de 1960 e iniciaram os trabalhos lutando pelo direito de voto da mulher. O movimento foi liderado pela bióloga e cientista Bertha Lutz, uma das fundadoras da Federação Brasileira pelo Progresso Feminino. Mas somente na Constituição de 1988, através da formalização e consolidação da equidade de gênero, dispôs-se que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”.

O movimento feminista teve altos e baixos. Foram longos anos de luta para que as mulheres conquistassem os seus direitos, entre eles o direito de votar, praticar esportes e serem reconhecidas no mercado de trabalho. Sua participação na

imprensa brasileira iniciou ainda no final do século XIX. Porém, no esporte, era praticamente impossível ver mulheres até a década de 1970.

No jornalismo esportivo as mulheres foram conquistando seus espaços e hoje são colunistas, comentaristas, repórteres, apresentadoras, narradoras, falando sobre qualquer esporte, especialmente futebol. Mas o preconceito continua existindo. Segundo Coelho (2004, p.35), a maior parte das mulheres é primeiramente encaminhada para editorias de esportes amadores. “É mais fácil demonstrar conhecimento sobre vôlei, basquete e tênis do que sobre futebol e automobilismo. Territórios onde o machismo ainda impera. Mas também onde menos mulheres do que homens demonstra conhecimento”.

Entretanto, há jornalistas mulheres que se sobressaem na profissão e ocupam lugares de destaque, como é o caso da comentarista e escritora Clara Albuquerque. A jornalista, formada pela Universidade Federal da Bahia, iniciou sua carreira como colunista no Jornal Correio, passando pela equipe de cultura e pela seção de esportes no jornal impresso. Já na TV Bahia, afiliada da Rede Globo no estado, foi repórter do quadro “Tudo às Claras”, no programa Bahia Esporte e, posteriormente, tornou-se comentarista de futebol do PFC/Sportv, na Bahia. Como escritora, Clara Albuquerque lançou seu primeiro livro em 2007, pela Editora Gryphus, com o título: *A Linha da Bola – Tudo que as mulheres precisam saber sobre Futebol e os homens nunca souberam explicar!*

O segundo livro, *Os Sem-Copa – Craques que encantaram o Brasil e nunca participaram de um Mundial*, foi lançado em 2014. No ano seguinte, em comemoração aos 85 anos do Sport Club Bahia, ela lançou seu terceiro livro: *Os dez Mais do Bahia, da coleção Ídolos Imortais*. Atualmente, Clara Albuquerque vive na Itália, onde atua como correspondente multimídia do canal Esporte Interativo, do grupo *Turner Broadcasting System*.

Outro exemplo de carreira bem-sucedida é o da jornalista Ana Thaís Matos, formada pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo em 2011. Ela iniciou na profissão como estagiária na redação do jornal *O Lance!* onde teve os primeiros contatos com “disparates” encontrados no meio esportivo entre homens e mulheres. De 2012 a 2018 ela trabalhou na Rádio Globo/CBN, e em 2019 iniciou como comentarista na SporTV do Grupo Globo, onde comentou seu primeiro jogo entre

Ituano e Novorizontino, pelo Campeonato Paulista. Também neste ano, Ana Thaís Matos deixou sua marca, tornando-se a primeira mulher a comentar um jogo de futebol na TV aberta pela Rede Globo, no jogo entre Santos e Atlético Paranaense, válido pelo Campeonato Brasileiro. E não parou de fazer história: ainda em 2019, também foi a primeira mulher a comentar uma Copa do Mundo de Futebol Feminino, dividindo a bancada de transmissão com Galvão Bueno.

Ainda falando sobre Copa do Mundo, mas dessa vez de Futebol Masculino, em 2018, na Copa do Mundo da Rússia, foi a vez da estudante de Jornalismo Isabelly Moraes, na época com apenas 20 anos de idade, entrar para a história da televisão brasileira. Ela tornou-se a primeira mulher a narrar uma partida de futebol da Copa do Mundo, desde quando o torneio passou a existir, em 1930. Tudo começou quando Isabelly decidiu participar do processo seletivo do projeto “Narra quem sabe”, comandado pela jornalista Vanessa Riche, do canal FOX Sports, ficando entre as três vencedoras do projeto. Antes disso, Isabelly já havia trabalhado na editoria de esportes da Rádio Inconfidência (Minas Gerais) em 2017 e, no mesmo ano, fez sua primeira narração em um jogo da série B do Campeonato Brasileiro, pela Rádio Mineiro.

2. TEMA

Jornalismo Esportivo e a Mulher.

2.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

Análise sobre a presença de narradoras e comentaristas na Televisão Brasileira.

3. JUSTIFICATIVA

O tema escolhido para este trabalho busca analisar a participação das mulheres jornalistas nos comentários e narrações de jogos transmitidos pela televisão. A luta das mulheres por espaço no mundo esportivo é de longos anos. Iniciou em 1896, na Grécia Antiga, nos Jogos Olímpicos, onde só os homens competiam e as mulheres não podiam nem assistir aos jogos. Segundo Welch e Costa (1994 apud KNIJNIK, 2003), a crença era que as mulheres perderiam seu charme ao se engajarem em atividades extenuantes. Elas foram se impondo gradativamente até chegar na situação atual, onde conquistaram seu espaço nas atividades esportivas e também como profissionais na área de jornalismo esportivo. Knijnik (2003) cita que, além da “mulher esportiva” da época, agora elas podem ser também, treinadoras, dirigentes, árbitras, repórteres, comentaristas e narradoras. O público feminino ocupa cada vez mais espaços na sociedade, dentre eles aqueles considerados de “âmbito masculino”.

Segundo Coelho (2004), as redações de esporte do país têm 10% de mulheres. O autor diz também que o preconceito já foi bem maior no passado do que atualmente.

Mas é possível até que o índice feminino na redação reflita o interesse da população. Se em um estádio de futebol, autódromo ou ginásio há mais homens do que mulheres é normal que haja também índice diferente de homens e mulheres na redação (COELHO, 2004, p.34).

A explicação do autor é cabível na medida em que reflete o que acontece em toda a sociedade, onde a presença e a valorização da mulher ainda necessitam ser justificadas.

A identificação desta aluna com o tema surgiu por meio do amor por praticar esportes, pois cresceu ouvindo que jogar futsal/futebol era “coisa de menino”. Falar sobre esportes também não era considerado “normal” para uma menina. No Ensino Fundamental e durante o Ensino Médio, eram poucas as meninas que gostavam de praticar esportes e disputar os campeonatos escolares. Com a falta do público feminino, principalmente no futebol, era preciso juntar-se com os meninos para poder praticar o esporte. Até então, a pesquisadora não percebia o preconceito que rodeava as mulheres em relação ao tema. Nos campeonatos, o público que olhava de fora da quadra era dividido entre aqueles que se espantavam por ver “gurias” que jogavam

futsal e as admiravam e aqueles que ficavam só observando os erros para dizer que não serviam para isso. Hoje, do lado de fora das quadras, é mais fácil analisar o preconceito que ainda ronda o público feminino quando se trata desse assunto.

Assim como nas quadras, a estudante do Curso de Jornalismo percebeu que a participação da mulher em programas esportivos é limitada. Na maioria das vezes, um homem é chamado para ser o comentarista ou o narrador dos jogos da rodada. Sobra pouco espaço para as mulheres nessas funções.

“As mulheres no esporte merecem ser avaliadas com base em sua competência e caráter, não por meio de sua identidade sexual ou expressão de gênero” (GRIFFIN apud KNIJNIK; SIMÕES, 1999, p. 7). O que raramente se vê acontecer, pois as mulheres são questionadas o tempo todo sobre sua competência para falar de esportes. Se elas erram, são corrigidas de forma rápida, sendo, muitas vezes, humilhadas.

Coelho (2004) diz que ao se deparar com uma mulher que entende de futebol, gera-se uma situação curiosa, pois, algumas vezes, é possível perceber que o nível de conhecimento dela acerca do tema é maior do que o dos homens, principalmente quando elas demonstram domínio sobre o assunto. Talvez isso aconteça pelo fato de que a grande parcela dos homens não aceita que as mulheres saibam mais que eles em assuntos considerados do “mundo masculino”. E isso pode fazer com que as mulheres estejam mais atentas e queiram compreender esta área para serem menos criticadas.

Porém, infelizmente, são diversos os lugares em que as mulheres ainda sofrem preconceito por trabalhar, e um deles continua sendo a área de esportes. Como mulher e futura jornalista, esta aluna quer mostrar, através desta pesquisa, a luta das mulheres para serem valorizadas neste espaço que ainda é considerado masculino. Com o movimento feminista, as mulheres foram conquistando seus direitos, mas para que isso continue acontecendo é preciso continuar lutando todos os dias. Uma forma de quebrar tabus é falando sobre eles.

A escolha do tema justifica-se também pelo aumento da participação feminina nos programas esportivos televisuais, principalmente nos comentários e narrações de jogos. Sendo assim, este trabalho tem como objetivo analisar a inclusão da mulher nessas funções e a relevância de sua participação dentro destes editoriais. Pode-se analisar os obstáculos que as mulheres enfrentam por gostarem e entenderem de

esportes, especialmente o futebol, tornando-se um desafio para o público feminino que pretende trabalhar nessa área.

Através desta pesquisa, percebe-se que há uma escassez de referências bibliográficas sobre o assunto. Por exemplo, em livros de jornalismo esportivo, são poucas as páginas que falam sobre a mulher. Com isso, aumenta a importância de trazer o assunto para este trabalho, pois as mulheres precisam continuar lutando pelo fim da discriminação de gênero.

O mais importante na análise dos programas a serem estudados é a trajetória das mulheres jornalistas pelo mundo dos esportes. E entender quais as características demonstradas por essas profissionais, que estão à frente destas funções ainda vistas como “masculinas”.

4. QUESTÃO NORTEADORA

Como se configura o espaço para as mulheres narradoras e comentaristas esportivas na televisão?

5. HIPÓTESES

- A. As mulheres estão ocupando cada vez mais o seu espaço no jornalismo esportivo de televisão, destacando-se como narradoras e comentaristas, funções antes vistas apenas como masculinas.
- B. As causas feministas auxiliam as mulheres a conquistar seus espaços, e na área do jornalismo esportivo também apresentam consequências positivas.
- C. As mulheres ainda sofrem com o preconceito de gênero e, por consequência, com a desvalorização do seu trabalho dentro do jornalismo esportivo.
- D. A área do jornalismo esportivo de televisão ainda é, na sua grande maioria, dominada por homens, sobrando pouco espaço para as mulheres atuarem.
- E. No jornalismo esportivo televisual, a mulher não tem o mesmo espaço para comentar os jogos, se comparado ao de seus colegas homens.

6. OBJETIVOS

6.1 OBJETIVO GERAL

Entender os processos de inserção da mulher no jornalismo esportivo televisual e identificar o trabalho feito por elas, atualmente, como narradoras e comentaristas.

6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

H A.

- a) Conhecer a história da televisão no Brasil para entender como surgiu o jornalismo esportivo televisual.
- b) Analisar a história da inserção da mulher no jornalismo esportivo de televisão.
- c) Compreender a importância do papel da mulher dentro do jornalismo esportivo e em especial, na narração e comentários de jogos.

H B.

- d) Conhecer a história e as conquistas do movimento feminista.
- b) Analisar a história da inserção da mulher no jornalismo esportivo de televisão.
- e) Compreender a importância histórica e cultural da abertura de espaços para as mulheres, dentro do jornalismo esportivo de modo geral e na televisão, em especial.

H C.

- f) Conhecer a história do jornalismo esportivo na televisão brasileira.
- b) Analisar a história da inserção da mulher no jornalismo esportivo de televisão.
- g) Compreender a questão do preconceito quanto ao conhecimento das mulheres em relação ao futebol.

H D.

- k) Conhecer a história do jornalismo esportivo na televisão brasileira.
- b) Analisar a história da inserção da mulher no jornalismo esportivo de televisão.

- h) Observar se a participação dos comentaristas de diferentes sexos acontece de forma igualitária.

H E.

- b) Analisar a história da inserção da mulher no jornalismo esportivo de televisão.
- e) Compreender a importância histórica e cultural da abertura de espaços para as mulheres, dentro do jornalismo esportivo de modo geral e na televisão, em especial.
- i) Observar se a participação dos comentaristas de diferentes sexos acontece de forma igualitária, mais especificamente em relação ao fator tempo de fala.

7. METODOLOGIA

Para que a monografia seja desenvolvida é necessário utilizar-se de uma metodologia científica a fim de responder a questão norteadora.

7.1 PESQUISA QUALITATIVA

Nessa monografia foram selecionadas três jornalistas esportivas para estudo: a comentarista Ana Thaís Matos; a correspondente multimídia Clara Albuquerque e a narradora Isabelly Moraes. Estas foram escolhidas por se destacarem no âmbito do jornalismo esportivo televisual. Para melhor entender o papel destas jornalistas esportivas, a característica desse trabalho é o de apresentar uma abordagem qualitativa. Conforme Marconi e Lakatos (2008, p.269), “a metodologia qualitativa preocupa-se em analisar e interpretar aspectos mais profundos, descrevendo a complexidade do comportamento humano”.

Segundo Bardin (2011), para analisar, compreender e interpretar um material qualitativo, faz-se necessário superar a tendência ingênua a acreditar que a interpretação dos dados será mostrada espontaneamente ao pesquisador; é preciso penetrar nos significados que os atores sociais compartilham na vivência de sua realidade.

7.1.1 Pesquisa Bibliográfica

A pesquisa bibliográfica é o procedimento metodológico e está presente em todas as fases do processo. Através dela, constituída principalmente de livros e artigos disponibilizados na internet, se obtém base científica para o desenvolvimento deste estudo.

É o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões (STUMPF, 2014, p.51).

As referências utilizadas servem para expandir e embasar os principais temas e conceitos discutidos, como a história da televisão brasileira, o jornalismo esportivo, além da evolução da mulher nos programas esportivos televisuais.

7.1.2 Análise de Conteúdo

Segundo Rodrigues e Leoparti (1999), a Análise de Conteúdo surgiu para buscar conhecimento, explicação ou conceituação de conteúdos a princípio, “invisíveis”. A Análise de Conteúdo proposta por Laurence Bardin é o método mais adequado para a realização desta monografia, por se tratar de um “conjunto de instrumentos metodológicos [...] que se aplicam a discursos extremamente diversificados” (BARDIN, 2011, p. 15).

Esta análise, proposta pela autora, é dividida em três principais fases: pré-análise onde se dá a coleta do material; exploração do material e o tratamento dos resultados, ou seja, a inferência e a interpretação. A primeira fase é destinada “à escolha dos documentos a serem submetidos à análise, a formulação das hipóteses e dos objetivos e a elaboração de indicadores que fundamentem a interpretação final” (BARDIN, 2004, p. 89). Para o estudo da monografia foram escolhidas três jornalistas esportivas: Ana Thaís Matos, Clara Albuquerque e Isabelly Moraes, utilizando-se, de vários livros e artigos para referências de como surgiu o jornalismo esportivo e também a inserção da mulher nesta área. Para essa fase foram escolhidas três edições de cada um dos programas que estas jornalistas atuaram como comentaristas ou narradoras. Neste caso, é feita a seleção das partes dos programas que melhor definem o tema proposto.

A segunda fase é composta pela aplicação do conteúdo adquirido na fase anterior. Sendo assim, é necessário fazer a decupagem dos programas da seguinte forma: decupando-se o tempo de fala do homem e da mulher durante a programação e o conteúdo dessa fala.

Bardin (2004) define a terceira fase como o tratamento dos resultados obtidos e a interpretação dos mesmos. É feita a análise do material pesquisado e coletado, para que se consiga chegar à melhores considerações. Bardin (2004) diz que tendo à disposição resultados significativos e fiéis, pode-se então propor inferência, e adiantar interpretações a partir dos objetivos previstos.

Para melhor concluir os objetivos é preciso fazer uma Análise de Discurso. O método complementar a Análise de Conteúdo. Segundo Minayo (2004), é através do discurso que se revela a compreensão de determinada pessoa sobre o contexto histórico no qual ela está inserida. Para a autora, o

discurso é construído por concepções ideológicas, requer que haja compreensão das relações sócias.

8. REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Para o desenvolvimento desta pesquisa, um dos principais alicerces é o referencial teórico. Alguns autores são fundamentais para explicar os conceitos que são a base do trabalho.

8.1 TELEVISÃO

A história da Televisão é contada por Ciro Marcondes Filho em sua obra *Televisão, a vida pelo vídeo (1988)* e suas fases determinadas por Sérgio Mattos na obra *História da Televisão Brasileira: uma visão econômica social e política (2010)*. Através destas fases facilita-se a compreensão da evolução da televisão. Outro autor utilizado para explicar os gêneros e formatos da TV é o José Carlos Aronchi de Souza com sua obra *Gêneros e Formatos na Televisão Brasileira (2014)*. Nesta obra, encontra-se 37 gêneros e 31 formatos distribuídos em cinco categorias de programas identificados pelo autor durante dez anos de acompanhamento de sete redes de TV brasileiras.

8.2 JORNALISMO ESPORTIVO

Paulo Vinicius Coelho utiliza-se de seu livro *Jornalismo Esportivo (2004)*, para contar a história do jornalismo esportivo no Brasil e sua evolução. Através desta obra, compreende-se os desafios que aqueles que almejam trabalhar nessa área podem enfrentar. O autor explica ainda, como o jornalismo esportivo se adaptou a todos os veículos de comunicação. Também cita a presença da mulher nesse âmbito, que é considerado “do mundo masculino”.

8.3 CULTURA

Lucia Santaella, em sua obra *Culturas e artes do pós-humano: da cultura das mídias à cibercultura (2003)*, apresenta o fruto de suas reflexões desde que a passagem da cultura das massas para a cultura das mídias fertilizou gradativamente o terreno sociocultural para o surgimento da cultura digital. Sobretudo, essa obra auxilia na reflexão da cultura enraizada na sociedade.

8.4 IMAGINÁRIO

A Obra *Cultura & Imaginário* organizada por Everaldo Rocha, contribuiu para o entendimento sobre Cultura e Formação da Sociedade Ocidental, Cultura e Construção da Identidade no Brasil, Cultura e Comunicação de Massas e sobre Cultura e Vida Cotidiana.

8.5 FEMINISMO

Para explicar o feminismo foi utilizada a obra *Movimentos Sociais: a face feminina (1988)*, da autora Heleieth I.B Saffioti. Com o movimento feminista, compreendem-se os avanços que as mulheres tiveram em relação aos seus direitos; entre eles, o de votar e trabalhar. A Constituição de 1988 obteve a consolidação da equidade de gênero, onde diz que “homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações”, mas apesar da existência da lei, há muitas lutas a serem enfrentadas pelo público feminino na atualidade, dentro e fora da mídia.

8.6 MÉTODO

Para melhor definir o método de análise desta pesquisa foi utilizada a obra *Análise de Conteúdo (2011)*, de Laurence Bardin. O livro tem o objetivo de explicar o que é Análise de Conteúdo e a utilidade que pode ter nas ciências humanas. Através disso, apresenta uma apreciação crítica em pesquisas qualitativas e quantitativas.

9. ROTEIRO DOS CAPÍTULOS

1. INTRODUÇÃO

2. TELEVISÃO

2.1 HISTÓRIA DA TELEVISÃO BRASILEIRA

2.1.1 Gêneros e formatos da televisão

2.1.2 Hibridismo, Infotainment e espetáculo televisual

3. JORNALISMO ESPORTIVO

3.1 HISTÓRIA E PERSPECTIVAS DO JORNALISMO ESPORTIVO

4. A MULHER NO JORNALISMO ESPORTIVO

4.1 CULTURA: IMAGEM E IMAGINÁRIO

4.2 O MOVIMENTO FEMINISTA

4.3 A MULHER, O ESPORTE E OS PROGRAMAS DE TELEVISÃO

5. TRAJETÓRIA DAS PROFISSIONAIS DE JORNALISMO NO ESPORTE

5.1 ANA THAÍS MATOS

5.2 CLARA ALBUQUERQUE

5.3 ISABELLY MORAIS

6. METODOLOGIA

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

8. CRONOGRAMA

Para a realização da pesquisa é preciso elaborar um cronograma de ações ao longo de um semestre. Na tabela abaixo está o planejamento.

MÊS	ATIVIDADE
Janeiro	Escrita da Introdução e seleção das partes dos programas a serem analisados.
Fevereiro	Escrita da Introdução e seleção das partes dos programas a serem analisados.
Março	Escrita do Capítulo 2 e 3, e correção da Introdução.
Abril	Escrita do Capítulo 4 e 5; correção do Capítulo 2 e 3.
Maio	Escrita do Capítulo 6 e Considerações Finais; correção do Capítulo 4 e 5.
Junho	Correções finais, formatação e entrega da Monografia.

9. REFERÊNCIAS

- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- BUITONI, Dulcília Helena Schroeder. **Mulher de papel**: a representação da mulher pela imprensa feminina brasileira. São Paulo: Summus, 2009.
- CAPARELLI, Sérgio; LIMA, Venício A. de. **Comunicação e Televisão**: desafios da pós-globalização. São Paulo: Hacker, 2004.
- COELHO, Paulo Vinicius. **Jornalismo esportivo**. São Paulo, SP: Contexto, 2004.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- KNIJNIK, Jorge Dorfman. **A mulher brasileira e o esporte**: seu corpo, sua história. São Paulo: Mackenzie, 2003.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- MACHADO, Arlindo. **A televisão levada a sério**. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2000.
- MARCONDES FILHO, Ciro. **Televisão**: a vida pelo vídeo. São Paulo: Moderna, 1988.
- MATTOS, Sérgio. **História da Televisão brasileira**: uma visão econômica, social e política. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- PATERNOSTRO, Vera Iris. **O texto na TV**: manual de telejornalismo. São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.
- ROCHA, Everardo. **Cultura & Imaginário**: interpretação de filmes e pesquisa de ideias. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.
- RODRIGUES, Maria Socorro Pereira; LEOPARDI, Maria Tereza. **O método de análise de conteúdo**: uma versão para enfermeiros. Fortaleza: Editora Gráfica LCR, 1999.
- SANTAELLA, Lucia. **Culturas e artes do pós-humano**: Da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.
- SOUZA, José Carlos Aronchi. **Gêneros e formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

SITES UTILIZADOS

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/auditorio-e-variedades/tv-mulher.htm>

<https://portal.comunique-se.com.br/fox-sports-prova-que-lugar-de-mulher-e-na-copa-copa-do-mundo/>

<http://www.claraalbuquerque.com.br/>

<https://www.torcedores.com/noticias/2019/09/ana-thais-matos-entrevista-tmp-uol-reproducao>

http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm